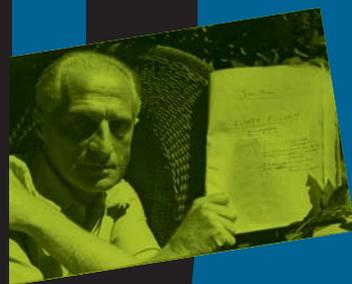
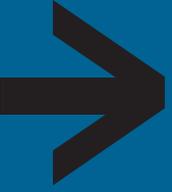


# TWIM



UWIM



# TU WIM

Poprawki do Komunikatu  
amerykańskiego z 1912 r.  
10 tomów poezji lirycznej  
4 książki wierszy dla dzieci  
Studja z dziejów historii litera-  
tury, językoznawstwa, folkloru  
i dziejów obyczajów. (Do 30 września  
Przewidy poetów obcych.)  
20 lat działalności w teatrach  
warszawskich, autor wielu sztuk,  
kierownik literackiej sceny  
artystycznej.  
Współpracownik najwybitniej-  
szych czasopism polonich.  
Wielkie tłumaczenie na 14  
języków.  
Odmianowy z tytułem wawro-  
nem Akademii Literackiej,  
nagroda Pen Clubu  
za działalność przekładową  
Laurat nagrody literackiej  
m. Łódź  
B. prezes Rady Naczelnej Związku  
Autorów i Kompozytorów Scenicznych.

## ANO DE JULIAN TUWIM

No ano de 2013 celebramos o centenário da estreia literária e o 60º aniversário da morte de Julian Tuwim – um dos mais célebres poetas poloneses.

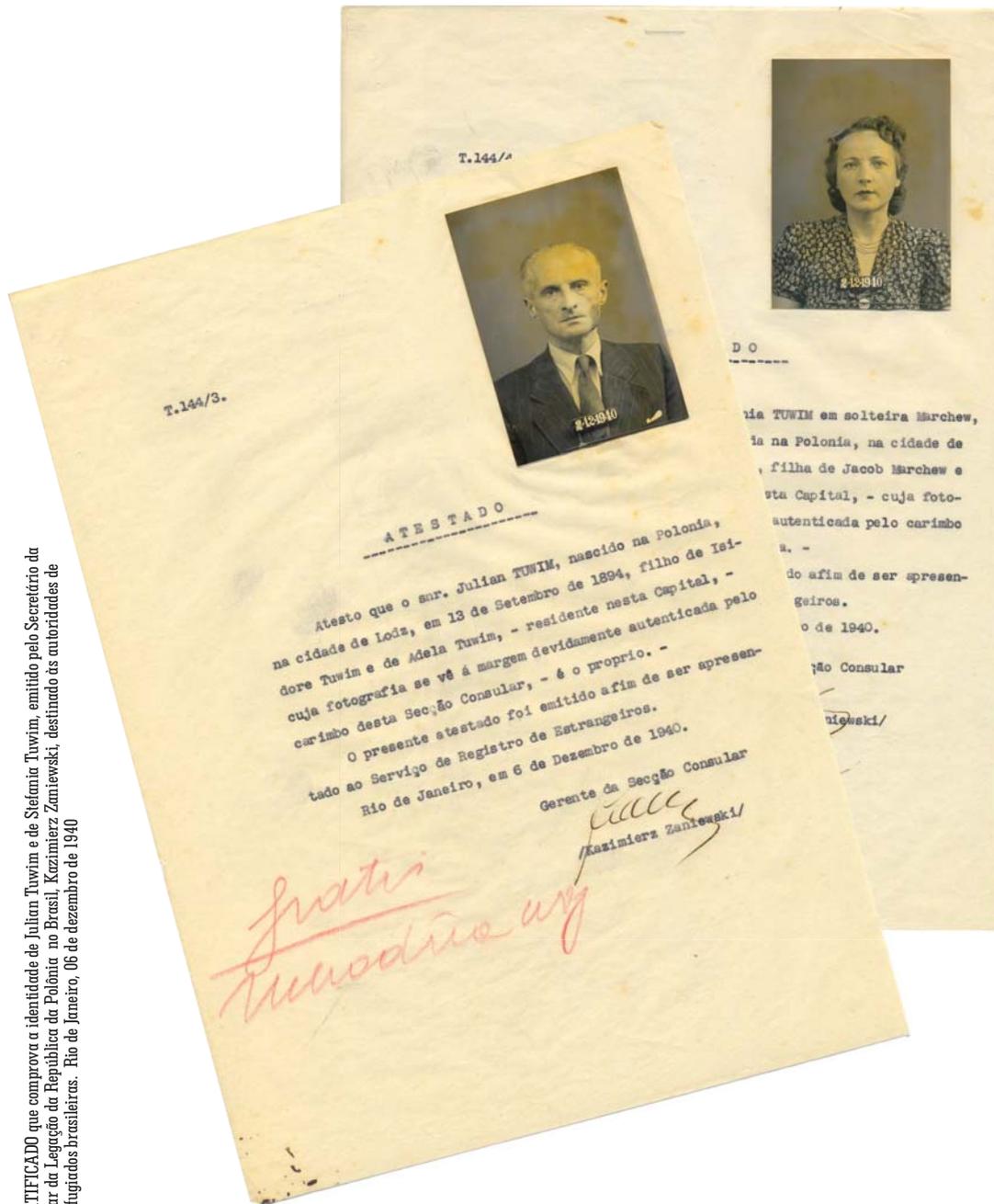
*Ambos os aniversários constituem uma ocasião para prestar homenagem a este grande poeta que moldou a língua, a imaginação e a sensibilidade social de várias gerações dos poloneses, ensinando-lhes, ao mesmo tempo, o senso de humor e revelando o otimismo do dia a dia. (...) A poesia de Julian Tuwim é um dos exemplos da prática da arte da palavra mais importantes do século XX. A rica e diversificada criação do autor de Flores polonesas constitui uma vívida e atraente opção para leitores de qualquer idade. O Parlamento da República da Polónia, ciente da importância especial do acervo do poeta para o patrimônio nacional, proclama 2013 como o Ano de Julian Tuwim – anuncia o texto do decreto aprovado em dezembro de 2012.*

Entregamos nas mãos do leitor uma publicação dedicada a Julian Tuwim. Além de informações básicas sobre o poeta, ele encontrará aqui um artigo do Prof. Wojciech Ligeza sobre a permanência de Tuwim no Brasil, nos anos 1940-1941, onde começou a escrever *Flores Polonesas* - uma das suas mais importantes obras. Um fragmento deste poema épico-digressivo, dedicado a Olegário Mariano, abre a parte da presente publicação que contém uma seleção de poemas para adultos e crianças, traduzidos para a versão brasileira do português por Carlos Drummond de Andrade, Geir Campos, Marcelo Paiva de Sousa, Henryk Siewierski, José Carlos Costa Dias, Gerardo Beltrán e André de La Cruz. A publicação vem acompanhada de um audiobook com os poemas interpretados por Tatiane Trovatti.

Esperamos que a poesia de Julian Tuwim agrade, comova e divirta o leitor, fazendo com que retorne aos mais belos momentos de sua vida: à infância, ao primeiro amor... Desejamos que ele chegue a amar Julian Tuwim tanto quanto nós, poloneses, o amamos.

Boa leitura,  
Os organizadores





1. BIOGRAFIA DE JULIAN TUWIM	07
2. JULIAN TUWIM SOBRE SI MESMO	10
3. IRENA TUWIM SOBRE O IRMÃO	14
4. "DIZEM QUE É A MAIS BELA CIDADE DO MUNDO".	
JULIAN TUWIM NO RIO DE JANEIRO – Wojciech Ligęza	16
5. POEMAS PARA ADULTOS	25
- FLORES POLONESAS – fragmento do Arquivo de Registros Novos em Varsóvia	26
- AS FLORES POLONESAS (fragmento) – tradução de Geir Campos	28
- RELVA – tradução de Marcelo Paiva de Souza	29
- POEMA ERÓTICO – tradução de Henryk Siewierski	30
- POEMA – tradução de Aleksandar Jovanović	31
- POEMA – tradução de Henryk Siewierski	32
- O DESTINO – tradução de Henryk Siewierski	33
- O ENTERRO – tradução de Carlos Drummond de Andrade	34
6. POEMAS PARA CRIANÇAS	35
- A LOCOMOTIVA – tradução de Gerardo Beltrán e José Carlos Costa Dias	36
- O ABECÊ – tradução de Marcelo Paiva de Souza	38
- O TITITI DAS AVES – tradução: Marcelo Paiva de Souza	39
- SEU TRALALIŃSKI – tradução de Marcelo Paiva de Souza	40
- O ROUXINOL ATRASADO – tradução de Marcelo Paiva de Souza	42
- ÓCULOS – tradução de André de la Cruz	43
- NEUSINHA EUZINHA – tradução de Marcelo Paiva de Souza	44
7. ARQUIVO DE REGISTROS NOVOS	46
8. SOBRE OS TRADUTORES	50
9. ORGANIZADORES, COLABORADORES, AGRADECIMENTOS	52



Julian Tuwim – fotografia tirada por volta de 1913, autor desconhecido



# BIOGRAFIA DE JULIAN TUWIM

**Julian Tuwim**, poeta e tradutor, nasceu em 13 de setembro de 1894, em Łódź, numa família de classe média de judeus assimilados.

## Período anterior a II Guerra Mundial

Seu primeiro poema intitulado *Prośba (Pedido)* foi publicado no jornal "Kurier Warszawski" ("Correio de Varsóvia"), em 1913, mas já havia publicado traduções de poesia polonesa em esperanto e traduzido obras de poetas russos para o polonês.

Nos anos 1916-1918, estudou direito e filosofia na Universidade de Varsóvia e publicou seus poemas nas páginas da revista estudantil "Pro arte et studio".

Em 1918 co-fundou o cabaré literário chamado "Picador" e, um ano mais tarde, tornou-se co-fundador e principal representante do grupo de poesia "Skamander", ao qual também pertenciam A. Slonimski, K. Wierzyński, J. Lechoń e J. Iwaszkiewicz. Junto a estes, procurou criar poesia dirigida a um amplo espectro da sociedade e não apenas à elite e artistas.

Casou-se em 1919 com Stefania Marchew, a quem dedicou uma série de poemas de amor, e que seria a companheira e apoio do poeta até o fim de sua vida.

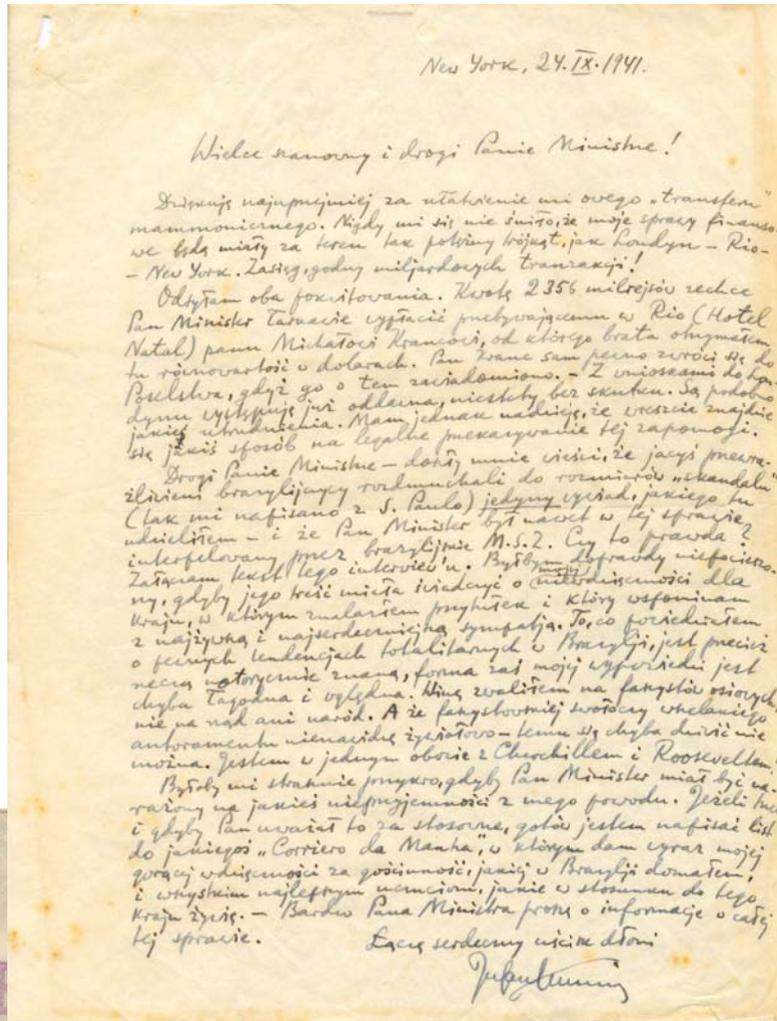
Nos anos 1918 - 1936 publicou sete coleções de poesia lírica.

Foi o primeiro poeta polonês a trazer para a poesia a linguagem cotidiana, temas do cotidiano e um novo herói lírico – o morador da cidade grande. Embora alguns críticos literários tenham considerado sua poesia muito inovadora, artistas de vanguarda da época acusaram as criações de Tuwim de sentimentalismo e tradicionalismo. Para muitos, no entanto, foi reconhecido como um virtuoso da manipulação de palavras e imagens. Ele criou sua própria filosofia poética da linguagem e da origem das palavras, que descreveu como o resultado de "alquimia poética".

Alguns dos seus poemas líricos, como o juvenil *Wiosna (Primavera – 1918)*, em que para descrever a multidão humana usou imagens e palavras vulgares e triviais, antes de serem publicados em coletâneas de poesia saíram na imprensa e causaram, entre os leitores, tanto admiração quanto protestos. Após a publicação de *Do generalów (Para os generais, 1926)* e *Do prostego człowieka (Para o homem simples, 1936)*, muitos críticos o acusaram de falta de patriotismo. Publicamente esclareceu, embora em vão, que seus versos não continham condenação às estratégias de defesa. Os poemas do ciclo *Poemas sobre o Estado*, publicado em 1935 no semanário "Notícias Literárias", foram os primeiros claramente dirigidos contra o governo Sanacja (Governo de Saneamento), que o marechal Józef Piłsudski apoiava. Estes poemas também receberam ataques acalorados de colonistas nacionais de direita. Estes ataques, em geral, eram dirigidos a ele próprio, como um artista de ascendência judaica. Solicitavam que parasse de escrever em polonês, e até mesmo para que fosse enviado para a prisão em Bereza Kartuska.

Tuwim fez muitas traduções. Pelas traduções do russo recebeu, em 1935, o prêmio PEN Club da Polônia. Publicou também poemas traduzidos de outras línguas, dos poetas como Horácio, Walt Whitman, Henry Longfellow, e Arthur Rimbaud.

Original da CARTA e fragmento do ENVELOPE da carta de Julian Tuwim ao Legado da República da Polónia no Brasil, Tadeusz Skowronski, contendo agradecimento pelo apoio material e assistência durante sua estadia no Brasil. Nova York, 24 de setembro de 1941





TU  
WIM

TU  
WIM

Nos últimos anos do período entre-guerras Tuwim publicou sua poesia dirigida aos leitores mais jovens. Nas obras para crianças combinou poesia e elementos didáticos com humor, muitas vezes de puro nonsense e usou seu virtuosismo linguístico em poemas rítmicos e onomatopáicos, como nos famosos *A locomotiva* e *Rádio de aves*.

Ele escreveu uma série de canções de cabaré, as quais considerava como obras menos importantes e as assinava, geralmente, com pseudônimos. Foi também autor de adaptações teatrais, incluindo a novela *O Capote* de M. Gogol e música vaudeville, como *Soldado da rainha de Madagascar*, de S. Dobrzański (1936).

Nos anos 1927-1939 trabalhou na Rádio Polonesa onde, nos últimos anos, foi diretor artístico do departamento de humor.

Em 1935, morreu o pai de Tuwim e sua mãe contraiu uma doença mental. Durante este período, o poeta começou a sofrer de agorafobia e outros problemas graves de saúde.

Apesar dos ataques dos adversários, foi um dos poetas mais lidos do período entre guerras.

Em 1928 recebeu o prêmio Cidade de Łódź e um doutorado honorário da Universidade de Łódź. Em 1935, foi agraciado com a Palma de Ouro da Academia Polonesa de Literatura pela excelência da sua obra, e numa pesquisa da revista "Wiadomości Literackie" ("Notícias Literárias"), do mesmo ano, intitulada "Quem você escolheria para Academia de Artistas Independentes, se tal academia existisse", ficou em primeiro lugar.

### Período da II Guerra Mundial

Nos primeiros dias da guerra, Julian Tuwim juntamente com sua esposa saíram apressadamente do país deixando a mãe do poeta, cujo estado não permitia acompanhá-los. Até a rendição da França viveram em Paris, depois, através de Portugal, chegaram ao Brasil.

No Brasil, em 1940 Tuwim começou a trabalhar em um poema lírico-épico e degressivo *Flores polonesas*.

Depois de deixar o Brasil, em 1942, rumo aos Estados Unidos, onde se estabeleceu com a esposa, em Nova York, Tuwim publicou trechos desse poema no semanário "Wiadomości Polskie" ("Notícias Polonesas"). Mas quando o editor do semanário, que recebeu os primeiros fragmentos com entusiasmo, começou a insistir que fossem removidas do poema as memórias dos ataques que o autor havia sofrido dos colonistas inimigos, ele rompeu relações com o semanário.

Desde então, colaborou com a revista mensal publicada por A. Słonimski em Londres, "Nowa Polska", e com os periódicos de esquerda dos poloneses nos EUA. Desde 1942 se ligou ao grupo de esquerda da seção polonesa na Associação Internacional dos Trabalhadores. Foi membro do círculo dos escritores poloneses.

Um ano depois do Levante do Gueto de Varsóvia, em março de 1944, Tuwim publicou, em Tel Aviv, o manifesto "Nós, judeus poloneses", onde, de forma especialmente emotiva e comovente, escreveu sobre o seu sentimento de fraternidade com o povo judeu, ressaltando que isso não se devia somente ao fato de pertencer a este povo, mas de um sentimento de solidariedade com o seu sofrimento e morte. O texto do manifesto foi traduzido para muitas línguas. O destino dos povos e grupos sociais que os nazistas quiseram remover da superfície da Terra, foi para Tuwim um choque tão grande, e o seu desejo de voltar ao país que deixou tão forte, que procurou refúgio em ideias impossíveis de realizar.

Sua crença de que uma aliança pós-guerra com a União Soviética era a única garantia de paz duradoura e de uma barreira ao anti-semitismo, fez com que perdesse vários amigos.

### O Período pós-guerra

A vida no exílio após o fim da guerra era, para Tuwim impensável. Em meados de 1946, Tuwim e sua esposa voltaram para a Polônia e viveram em Varsóvia. Um ano depois, adotaram uma menina judia, órfã durante a guerra. Em 1948, o poeta participou do Congresso Mundial de Intelectuais em Defesa da Paz em Wrocław.

Esperavam dele, que escrevesse poemas glorificando a nova realidade da Polônia e ele publicou alguns textos desse tipo.

Organizadores da vida cultural polonesa esforçaram-se para que, apesar de cada vez mais doente, ele pudesse ter um papel ativo na vida literária e teve ótimas, para aqueles tempos, condições de vida e trabalho. No entanto, após um curto período, tornou-se claro para ele que o país era governado de forma inescrupulosa, a qual não podia apoiar, e que os sentimentos anti-semitas continuavam fortes. Muitas pessoas, acreditando que era um membro respeitado dos círculos governamentais, voltaram-se para ele pedindo ajuda e, em alguns casos (1946), a sua intercessão foi capaz até mesmo de anular uma pena de morte. Como, entretanto, não escreveu muitos poemas que agradassem o governo, essas oportunidades rapidamente se esgotaram.

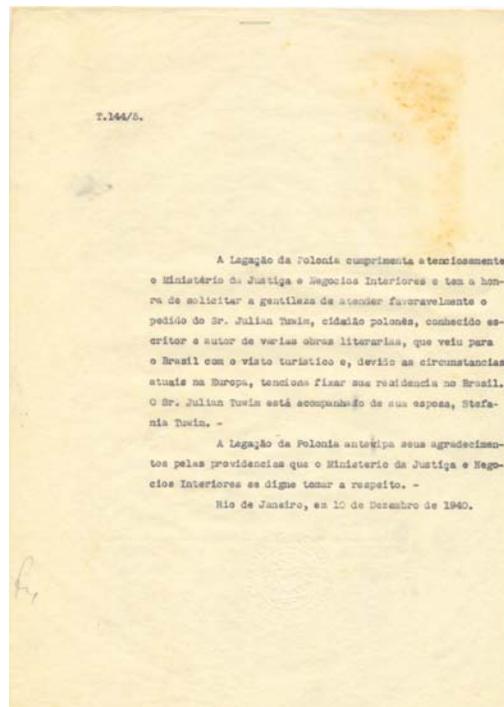
Em 1949 recebeu o prêmio literário da cidade de Łódź, e em 1951 – o Prêmio de Estado, ainda que as autoridades e os ativistas culturais tenham lhe dado a entender que esperavam dele outras obras, além do poema narrativo *Flores polonesas*, trazido do exílio "burguês".

Mas não se inscreveu no Partido Comunista e participava cada vez menos de reuniões e cerimônias públicas.

Trabalhou como diretor artístico no Teatro Musical do Exército polonês e depois como gerente literário do Novo Teatro em Varsóvia, apresentando aí suas adaptações teatrais, entre outras a novela *Płaszcz (O Capote)* de M. Gogol e a farsa *Słomkowy kapelusz (Chapéu de Palha)* de E. Labiche.

Tuwim se dedicou também ao trabalho editorial e traduziu poemas de Lermontov, Maiakovski, Blok, Pasternak e outros poetas russos.

Nos últimos anos de sua vida, sua saúde deteriorou. Ele morreu repentinamente em 27 de dezembro de 1953 em Zakopane. Foi enterrado no Cemitério Militar de Varsóvia.



## JULIAN TUWIM SOBRE SI MESMO

### Paixões Infantis

E, de repente, algo na minha cabeça me disse que estava destinado a ser químico. Comecei a fazer coisas estranhas: misturei nitrato de argamassa com enxofre, lycopodium com carvão, e da farmácia de um tio roubei o que podia e misturei tudo, friccionei, encharquei de ácido até que, finalmente, entupindo com clorato de potássio um tubo de metal, comecei a aquecê-lo com uma vela. De repente — bang — explosão — por sorte só feri e queimei a mão. Foi mesmo por sorte, sem dúvida, que toda a casa na rua Andrzej não voou pelos ares.

(J. Tuwim: *Moje dzieciństwo w Łodzi*. [In:] J. Tuwim: *Pisma prozą*. Warszawa 1964, p. 20. Leitura realizada na noite de autores em Łódź, em 1925)

Depois da química veio a mecânica. Máquinas foram construídas. Mas sem seguir quaisquer planos, modelos, sem peças prontas, como vendem agora em lindas caixas. Novamente como um louco, repetindo "tomara!", usando a fantasia. Uma caixa de charutos, haste, ripas, parafusos, anilhas, fio, borracha, cabos, aparafusar lá, soldar ali, ligar aqui — e, finalmente, a máquina funciona, isto é: a roda gira e a vareta bate no tabuleiro. Mas para quê? Até hoje não se sabe. Próxima fase: magia. Num pequeno cesto de vime comecei a recolher alguns instrumentinhos bizarros, frascos com líquidos coloridos, pedras, sílex, miçangas, conchas, Deus sabe o quê. Reunir vários desses truques em um cesto e com eles divertir os colegas ou as meninas seria bastante compreensível. Mas o problema é que meus objetos não funcionavam. Eu imaginava e agia como se eles tivessem propriedades mágicas — novamente, como com os experimentos químicos, esperando um milagre.

Por algum tempo colecionei ervas medicinais: hortelã, arruda, tomilho, verbasco, e as secava, guardava em pequenas bolsas. Ninguém se curou com elas. Então para quê? Por quê? Talvez porque "é verde, é maio e desnecessário" ... Mais ou menos na mesma época surgiu a mania cosmético-aromática. Já não comprava enxofre e salitre com o Sr. Thorn, mas óleos perfumados: cravo, rosa, jasmim, alguns vinagres aromáticos, que eram cozidos com casca de limão, baunilha e folhas de louro (louros! louros!), e misturava, combinava, verificava, mantinha tudo isso em frascos com rolhas... Para quê? Eu não sei. Acho que para ser poeta no futuro.

(J. Tuwim: *Nauka szkolna i zainteresowania pozaszkolne*. [In:] J. Tuwim: *Pisma prozą*. Warszawa 1964, p. 51-52. Primeira edição: „Wiadomości Literackie” 1936, no. 9)

### Loucura linguística

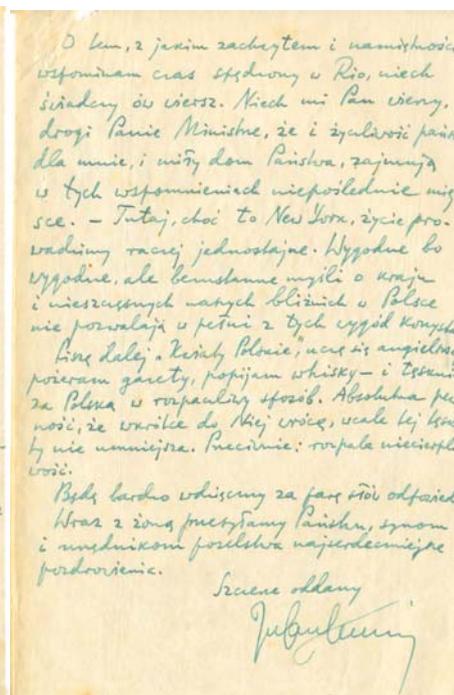
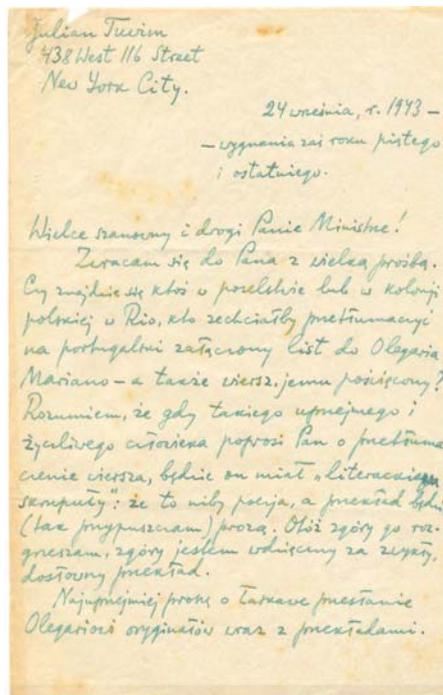
Em 1909, comecei a fase da loucura linguística, que é sobre o que mais posso falar, uma vez que ficaram documentos escritos pelas minhas próprias mãos: vários blocos com conteúdo totalmente fantástico. Cada página repleta de uma variada multidão de palavras em centenas de idiomas exóticos ... "ruído dos povos, confete dos dicionários". Anotava tudo isso sem lei e sem ordem, baseando-me nos livros de viagem, livros etnográficos e linguísticos, emprestados de bibliotecas públicas e da escola. Certa vez, caí em minhas mãos um livreto publicado pela Sociedade Bíblica, contendo a tradução de um versículo do Evangelho em centenas de línguas. Foi o tesouro dos tesouros! Meu pai escreveu para mim uma carta a Hiersemann e Fock (grandes sebos de livros em Leipzig) pedindo catálogos de obras de linguística — e eu assinei "Prof. Dr. Julian Tuwim", porque eu tinha medo que nunca respondessem a um aluno da quinta série de uma escola de Łódź. Dias depois, chegou um pacote com os catálogos e uma carta datilografada com o título: "Sehr geehrter Herr Professor" ... Rapidamente seleccionei tudo que gostaria de ter — seis páginas escritas em letras pequenas. Que maravilha, que fantástico! (...) Ah, encomendar tudo, tê-los em cima da mesa, em vez de "Choźdzenie Bogorodicy o Mukam" ("O caminho das dores da Mãe de Deus"), subjuntivos franceses e odiosas figuras geométricas! Aproveitar deste tesouro e passar as mais belas jóias para meus cadernos, onde já brilhavam mais de mil palavras estrangeiras das mais diversas cores! Já lá havia escrito que resina em malaio chama-se "damar", cabeça em daomês "afo", pescador em yakutsk "balykysyt" inferno no Taiti "tiahobu", riacho em botokudzku "natu", flor em inglês arcaico "szoczitl" e porco em maori "Puak" ... mas iria colocar, ao lado

destes milhares de sons cintilantes, novos, ainda mais peculiares, ainda mais antigos e valiosos! ... (...) Observando as anotações e ligações, que dediquei a certas palavras, pude perceber que procurava semelhanças nas mais remotas, nas mais estranhas línguas estrangeiras. Quando, por acaso, uma palavra em yukaghir apresentava semelhança com o peruano, marcava com um asterisco ou com um lápis de cor. E, provavelmente, com o objetivo de descobrir estes tipos de afinidades fonéticas, criei uma lista dos numerais de 1 a 10, em quase duzentas línguas.

(J. Tuwim: *Nauka szkolna i zainteresowania pozaszkolne*. [In:] J. Tuwim: *Pisma prozą*. Warszawa 1964, p. 52-53. Primeira edição: „Wiadomości Literackie” 1936, no. 9)

### Chopin

Chopin foi o maior choque artístico que experimentei. Minha adoração por Chopin somente cresceu e continua a crescer. O considero um fenômeno o mais maravilhoso, não só na história da poesia polonesa, mas no universo da arte em geral. E se por acaso, repentinamente, aparecesse



um grande e terrível controlador e afirmasse que, no início do século XIX, o destino, generoso em excesso, presenteasse a terra com os criadores brilhantes e que agora seria preciso "escolher" um deles – eu o escolheria sem hesitação! Eu entregaria imediatamente: Mickiewicz – com desespero, Slowacki – com pesar, e uma dúzia de Krasińskis por um Chopin. Eu que não toco, nutro por Chopin um sentimento que só pode ser chamado de religião.

(J. Tuwim, *Książki, Chopin i Inowłódz*. [In:] J. Tuwim, *Pisma prozą*. Warszawa 1964, p. 68. Primeira edição: "Wiadomości Literackie" 1936, no. 11)

### Coleções

Minha primeira coleção surgiu, num primeiro momento, a partir do impulso de colecionar curiosidades, estranhezas, peculiaridades. Não me fascinavam edições de luxo, belas encadernações, exemplares numerados, etc., amostras de livros "estéticos" e "artísticos". Passo indiferente ao lado das vitrines natalinas das livrarias, dos salões abarrotados, álbuns de "presentes" e bugangas, mas posso passar longas horas mergulhado em montanhas de papel, entre as quais sempre resgato algum "saboroso impresso". Num momento será "O veneno do homem é pior do que veneno da cobra, ou seja, do que difamação, calúnia e maldição do nosso povo analisados pelo padre Szczepan" (Tarnów 1876), em outro "Remédios para medos mortais" (Gniezno em 1863), (...) e é uma grande festa no meu quintal bibliográfico, quando encontro um velho folheto sobre a embriaguez, publicado há 100 anos em Chelmo ou Bochnia (cidades polonesas). (...) Se recolho as poesias – são desconhecidas, sem valor, esquecidas, não constam de nenhuma história oficial da literatura; se a filologia – são trabalhos dos meio loucos que recriam, com base em seus delírios, a fantasmagórica pré-história da humanidade; se o direito – são „De jure ventris“, „De jure dormientium“ e „De jure neminis“, já a coleção de zoologia da minha biblioteca não vai além dos tratados sobre Phoenix, salamandra, leviatã, basilisco, etc., estranhas criaturas da fauna antiga e medieval. Demônios, bruxaria, bruxas, anticristos, venenos, milagres, possessos, documentos sobre estupidez e crueldade, romances provincianos do século passado, folhetos com conteúdos incomuns, toda uma grotesca exposição da história da cultura – este é o campo infinito das minhas coleções.

(J. Tuwim: *Moje zbieractwo*. [In:] J. Tuwim: *Pisma prozą*. Warszawa 1964, p. 150. Primeira edição: „Szpargaly“ 1934, no. 1)

### Polônês

Polônês – porque eu nasci, cresci, fui educado e estudei na Polônia; porque na Polônia fui feliz e infeliz; porque no exílio o que mais quero é voltar para a Polônia, ainda que em outro lugar me garantam prazeres celestiais.

Polônês – porque por pura superstição, a qual nenhuma razão ou lógica pode explicar, eu desejo, após minha morte, que me engula e sugue a terra Polonesa, nenhuma outra.

Polônês – porque, em casa, meus pais me falavam em polônês, porque desde bebê fui alimentado com o polônês, porque a minha mãe me ensinou poemas e canções polonesas, porque quando veio o primeiro choque poético, foi descarregado em palavras polonesas, porque o que aconteceu de mais importante na minha vida – a criação poética – é impensável em qualquer outra língua, não importa o quanto fluente eu fosse.

Polônês – porque em polônês confessei as preocupações do primeiro amor e em polônês balbuciava sobre sua felicidade e suas tempestades.

Polônês também porque a bétula e o salgueiro estão mais próximos de mim do que a palmeira e os cítricos, e Mickiewicz e Chopin mais queridos do que Shakespeare e Beethoven. Mais queridos por razões que, mais uma vez, nenhuma razão pode justificar.

(J. Tuwim: *My, Żydzi Polscy... We, polish Jews...*, ed. Ch. Shemruk, Jerozolima 1984, p. 27-28. Palestra proferida em Nova York, em maio de 1944)

### Desaparecimento

Deixando do lado o que incomoda todos nós, eu não consigo lidar com o pensamento sobre... a aproximação da velhice, que é um "axioma cronológico", "fatalidade", uma "lei da natureza", e assim por diante. Eu sei de tudo isso e, ainda assim, me rebelo contra a violência deste natural axioma sobre minha "personalidade". Se o envelhecimento espiritual humano fosse proporcional ao corporal, a velhice não seria tão terrível. Mas mantendo o coração jovem, cheio de desejos e aspirações e, o mais importante, o antusiasmo biológico pelo próprio curso da existência, torna-se insuportável e, muitas vezes, uma tragédia patética, quando o corpo murcha. Não estou dizendo que isso já se dá comigo de modo a me incomodar. Mas vai acontecer. E então o que fazer com paixões e desejos da alma? Se para estes a natureza também programasse uma progressiva "queda", como a de cabelos e dentes, por exemplo, seria mais fácil para a gente. Já uma vez, me parece, lhe escrevi sobre isto: que em mim vivem duas paixões diametralmente opostas: adoração pela natureza e, ao mesmo tempo, ódio por suas leis cruéis. Autoritária! Lembro-me da minha antiga obsessão (certamente uma psicose), ligada à idéia de que meu pai em algum momento iria morrer. Eu odiava, na verdade, cada novo dia, pois ele aproximava este momento. No entanto, ao mesmo tempo adorava a beleza e o pathos da chamada existência. E vou te dizer uma coisa bastante estranha e terrível: agora, quando eu penso que também vamos perder mamãe, aceito, nestes tempos, muito mais facilmente. Sabe por quê? Porque posso atribuir a "culpa" à guerra, a Hitler, à história, a algo além da "lei eterna da natureza", a qual, em tempos normais, faria isto sozinha. Mas chega de falar disso. Só mais uma coisa, tudo bem, vamos derrotar os alemães, vamos voltar à Polônia, e ainda teremos a nossa mãezinha viva. E então, Ircia? E então? Vamos assistir um belo e "natural" fenômeno de um "normal" e gradual apagamento da sua vida? Sou um bandido por te escrever sobre isto, mas preciso, finalmente, expressar minha fúria contra essa cruel lei Divina.

(J. Tuwim, *Carta à irmã Irena*, 24.01.1942)

## IRENA TUWIM SOBRE O IRMÃO

### Os primeiros poemas

Com paixão colecionava livros de poesia, enlouqueceu por Staff (Leopold Staff, poeta polonês), com a ênfase teatral declamava "O Barco Bêbado", embriagava-se com Verlaine e Baudelaire, estava descobrindo a Jovem Rússia nas pessoas de Balmont, Briusov e Blok, mas não passava pela mente de nenhum de nós, o que realmente estava acontecendo. Somente a famosa e casual história com gaveta, serralheiro, uma chave perdida e um caderno preto com uma caneta de ouro em relevo na capa, revelou o segredo. Julek, às escondidas, escrevia poemas.

Os nossos pais ficaram perplexos, entendendo isso, se bem me lembro, como mais uma mania do seu filho. Porque mesmo depois dessa descoberta, quando Julek começou, de tempos em tempos, a publicar suas juvenilia nos jornais de Łódź, faziam tudo para que ele fosse para Varsóvia, para estudar na universidade.

### Método de trabalho

Como uma espécie de feitiçaria considero também a maneira como ele trabalhava. Quando isso acontecia? No decorrer de mais de trinta anos, apenas por cinco anos (1940-1944) ficamos separados, ele no Brasil e EUA, e eu em Londres. Foi o período em que escreveu *Flores polonesas* e sobre isso pouco posso dizer. E o resto?

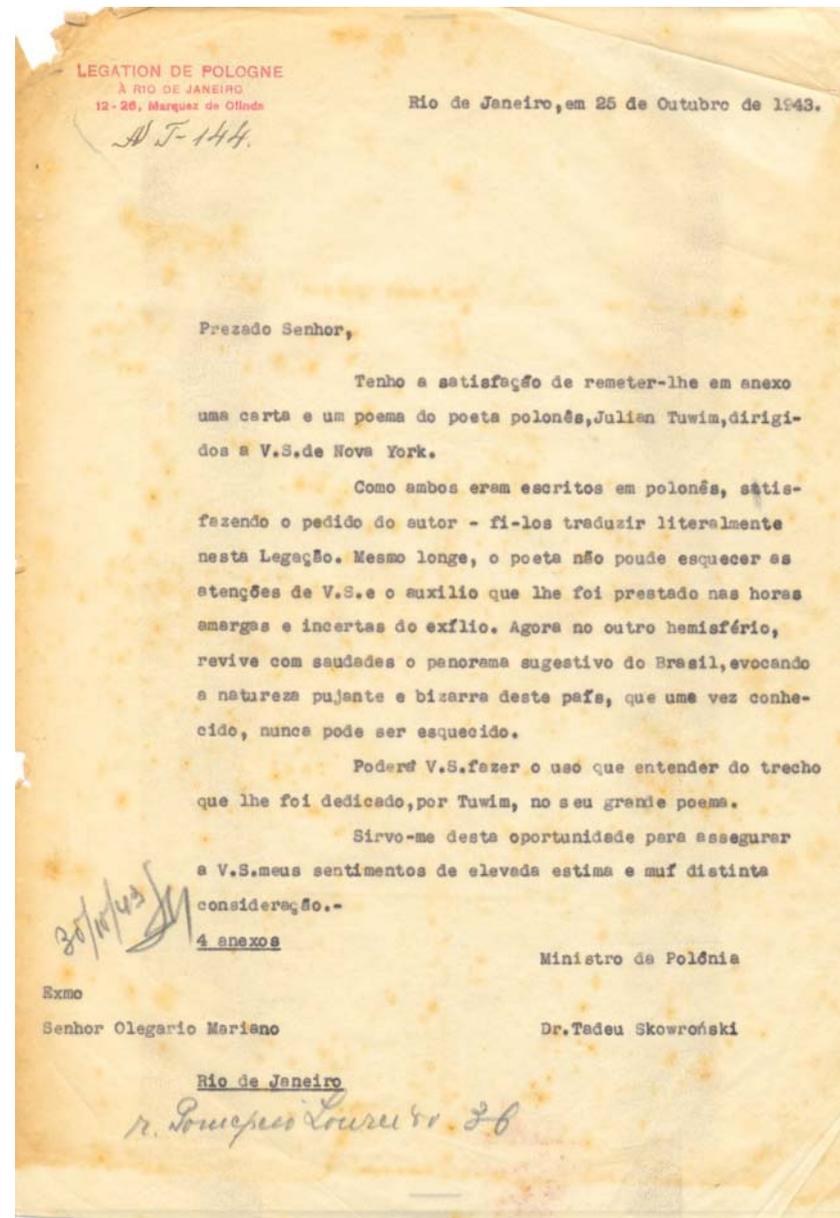
Durante 25 anos moramos, com curtos intervalos de tempo, na mesma cidade. Nos víamos quase todos os dias, morando, em alguns períodos, sob o mesmo teto, e nunca o vi irritado, nunca o ouvi reclamando da pesada carga de trabalho, de fadiga. A qualquer hora do dia que o encontrava, sempre me cumprimentava sorridente, pronto para conversar, nunca se desculpou com falta de tempo. Telefonava todos os dias perguntando sobre os mínimos detalhes da minha vida cotidiana, com atenção e carinho que já não era paternal, mas o maternal.

Na casa do meu irmão não se criava uma atmosfera de mistério em torno do seu trabalho de escritor, não se ouvia os "Psss... Silêncio... o Mestre está criando..."

Julek não tinha o hábito de criar um ambiente de celebração em torno da sua pessoa, não intimidava, não era soberbo. Acessível a todos que o procuravam, muitas vezes ele se deixava importunar e atormentar com os problemas dos outros.

Todo dia ele recebia muitas cartas das pessoas mais improváveis muitas vezes sobre os mais improváveis assuntos, e com muita atenção respondia a todos, tentando, tanto quanto possível, ajudar a todos. Não respondia às pessoas com as vãs palavras. Não praticava o que ele chamava de "resolução dos problemas por meio das palavras". Era concreto, rápido nas reações. Se divertia no papel de fada que tem o dom de realizar desejos. Ele queria encantar e fazer os outros felizes. Precisava disso para viver.

**IRENA TUWIM** nasceu em 22 de agosto de 1898, em Łódź. Foi irmã mais nova de Julian Tuwim. Foi associada ao grupo poético Skamander, publicou poemas nas revistas "Wiadomości Literackie" e "Skamander". Se dedicou não só à criação poética, mas também a traduções do russo e do inglês. Sua tradução mais conhecida é a do *Ursinho Pooh* de A.A. Milne.



Textos originais em polonês foram coletados do site da Fundação Julian e Irena Tuwim.

Agradecemos a Ewa Tuwim-Woźniak pela cessão dos direitos autorais.

Tradução para o português, versão brasileira: André de la Cruz.

# "DIZEM QUE É A MAIS BELA CIDADE DO MUNDO"

## JULIAN TUWIM NO RIO DE JANEIRO

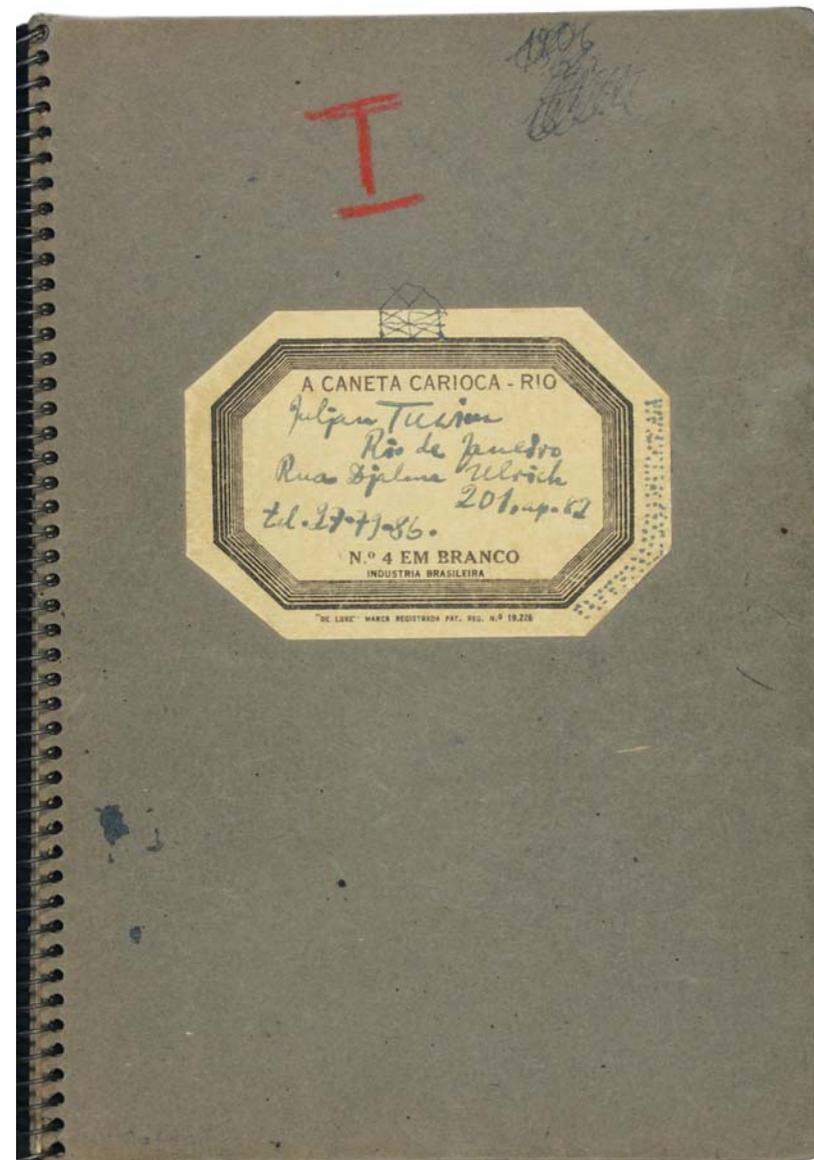
Wojciech Ligęza

Em janeiro de 1924, no Rio de Janeiro, Antoni Slonimski, contemplando a Baía da Guanabara, pensava no que fariam naquele instante em Varsóvia seus amigos do grupo Escamandro. No prefácio ao "diário de bordo" *Pod zwrotnikami (Sob os trópicos)*, o poeta anotou uma frase sobre Julian Tuwim: "[...] penso nele frequentemente aqui – em sua relação sensual com o mundo, seria ele, entre nós todos, o mais à vontade nesse *Barwistan*<sup>1</sup> de cores, aromas e sabores". Não era hora de preocupação, o viajante – extasiado com o mundo e encantado com a paisagem – não podia prever que em menos de vinte anos aqueles artistas poloneses iniciariam sua errância em tempos de guerra e se encontrariam no Rio de Janeiro, em outras circunstâncias, em quadra histórica bem diversa.

Após a derrota da França, exilando-se da Europa, Julian Tuwim e Jan Lechoń, que fogem para Portugal, são os primeiros a desembarcar no Rio, dia cinco de agosto de 1940. Alguns meses depois – no fim de novembro de 1940 – juntou-se a eles Kazimierz Wierzyński (Slonimski ficou em Londres). Durante a guerra acharam-se também na cidade Michał Choromański, Zdzisław Czernański, Rafał Malczewski, Konrad Wrzos, August Zamoyski. Stefania e Julian Tuwim mantinham contato social com os cantores Jan Kiepura e Marta Eggerth. O acaso fez com que a então capital do Brasil desempenhasse o papel de um centro temporário da cultura polonesa. Cumpre acrescentar que para os poetas do Escamandro a cidade no continente sul-americano tornou-se uma espécie de sala de espera, já que, uma vez obtido o visto norte-americano – os trâmites burocráticos eram demorados –, seguiram viagem para os Estados Unidos. Lechoń e Wierzyński, poetas conhecidos e reconhecidos antes da guerra, consolidaram como emigrados sua alta posição literária. Tuwim fez escolha distinta: após romper a amizade com Lechoń e manifestar simpatias esquerdizantes, decidiu retornar à Polônia governada pelos comunistas, o que sucedeu, após algumas visitas no Canadá e uma parada em Londres, em junho de 1946.

O episódio biográfico de Tuwim no Rio de Janeiro foi breve, encerrou-se entre as datas de cinco de agosto de 1940 e sete de maio de 1941. A vida cotidiana e a vida cultural dos exilados poloneses traziam marcas de coisa provisória, e a estada momentânea, instrutiva e interessante, não prenunciava enraizamento aos pés do Corcovado e do Pão de Açúcar. Tal situação não podia favorecer

<sup>1</sup> Slonimski toma a palavra de empréstimo ao poema "W Barwistanie", de Tuwim. Trata-se, ao que tudo indica, de neologismo cunhado por este último (a partir de "barwa"/"cor"), com o sentido aproximado de uma terra exótica, feérica, com um quê de tópico. Em português, uma tradução possível seria "Coloristão". [N.T.]



Capa do CADEIRNO do poema *Flores polonesas* com o endereço de Julian Tuwim no Rio de Janeiro, 1940

o estabelecimento de instituições culturais polonesas permanentes, não obstante houvesse, é claro, formas de estreitar laços no novo meio. Tinha influência em termos de opinião pública, por exemplo, o café Okay, na Avenida Atlântica. Os nomes célebres e a lenda de sucesso antes da guerra proporcionaram aos escamandritas uma posição de relevo em meio à comunidade de poloneses e descendentes de poloneses no Rio. Os escritores vindos das margens do Vistula foram recebidos pela Academia Brasileira de Letras, a imprensa carioca escreveu sobre Lechoń e Tuwim. O Pen Clube do Brasil homenageou os visitantes com um banquete, para o qual foram convidados, entre outros, Stefan Zweig e Julian Tuwim.

Propriedades de percepção do mundo como o sensualismo de Tuwim e o vitalismo de Wierzyński poderiam assegurar que os notáveis poetas – conforme a natureza de seu talento – enfrentassem de modo original o desafio de uma resposta artística à beleza exótica do Brasil. Contudo, as agruras do exílio e o desassossego com o futuro estorvam uma apreensão espontânea do que é inusual, cabendo então dizer que, em grande medida, a história e os veredictos de um destino de guerra invalidaram a colorida viagem. São pessoas diferentes o repórter em excursão, impelido apenas pela curiosidade, à cata de impressões fora do comum, e o fugitivo – assinalado pelo trauma de experiências dolorosas. Ademais, desde a época de sua estada em Paris, Tuwim atravessava uma crise criativa, não conseguia encontrar-se em novas realidades e novas condições. *Kwiaty polskie* (Flores polonesas), obra que se pode entender como viagem nostálgica sui generis, foi iniciada pelo poeta, segundo atestam fontes disponíveis, com intuítos terapêuticos, pois ele ansiava por reconquistar sua voz, seu estilo e seu encanto sobre o leitor.

Para o poeta as *Kwiaty polskie* mostraram-se um triunfo, e também um tormento. A “explosão brasileira” de palavras não se deixou reter, nem conter em uma forma definitiva. Como escreveu Tuwim a Slonimski em carta de 29 de novembro de 1941: “As Flores prorromperam de mim sem cessar por alguns meses”, mas depois veio a recaída. Segundo o testemunho do escritor Michał Choromański em *Memuary* (Memórias), Stefan Zweig advertiu que Tuwim não concluiria seu grande opus se abandonasse o Brasil. Prevendo a interrupção do trabalho por força da mudança de lugar, o escritor austríaco aconselhou que Tuwim abrisse mão do visto norte-americano. Como é sabido, o texto de *Kwiaty polskie* cresceu, desenvolveu-se, porém jamais atingiu seu derradeiro ponto final. Vinda a lume em Varsóvia, em 1949, a obra permaneceu inacabada e – de acordo com os planos do autor – não foi além do primeiro tomo.

Os encantos do Brasil decerto podiam parecer um tema fora de hora, impróprio, de certa maneira, dados os deveres do escritor para com seus concidadãos em luta. O exilado de guerra, que se fora achar em “qualquer parte”, dava as costas a paisagens como que irrealis, e anulava o valor dos instantes vividos, nutrindo a esperança de partir para os USA. Uma sala de espera não pode ser um espaço de fascínio. Perdido na América do Sul, o poeta prefere persuadir-se de que não encontrará no Rio estímulos para a imaginação e a invenção.

Um registro significativo dos argumentos “contra” está estampado em carta de Julian Tuwim a Kazimierz Wierzyński, de 10 de setembro de 1940: “sem querer esperar em Portugal, parti para qualquer parte, ou seja, para o Brasil, e aqui continuo tentando obter um visto permanente para a América do Norte [...]. Para alguém de passagem e desocupado, o Rio é tão-só praia e divertimento e cafés e passeios. Zoppot-Biarritz-Nizza em gigantesca e esplendorosa escala. [...] À furiosa natureza cansa

rapidamente, e com os amáveis brasileiros, cheios de cortesia e benevolência, pode-se travar (em francês) conversinhas fáceis, portanto cansativas, sobre nauseabundos temas ‘intelectuais’.” No documento privado de desalento e paralisia da sensibilidade, o belo torna-se penoso, e até repugnante. Viria de todo a calhar uma ponderação sobre as reações neuróticas do poeta – que tomam o lugar da euforia.

Na carta de Tuwim, a sala de espera assume a forma de uma imensa estação de cura. Em tais localidades é-se condenado a um repouso obrigatório: os dias que passam se preenchem de acontecimentos vazios e conversas de etiqueta. Os excessos da exuberante natureza, em que o ser humano pode extraviar-se facilmente, suscitam uma espécie de agorafobia, aterrorizam em sua desmedida (Tuwim acaso se avizinharia neste aspecto de Witold Gombrowicz descrevendo a Argentina?). Não é hora tampouco de conversas “intelectuais” – artificiais, postiças, penosas, porque tão distantes das atuais preocupações do poeta. Nos contatos fugazes com brasileiros de índole amistosa, com os quais não é possível dialogar sobre os assuntos que de fato lhe importam, manifestam-se de forma pungente a solidão e o alheamento do escritor polonês. O exilado não deixará curado a estação de cura do Rio. De resto, na mencionada carta a Wierzyński pinga-se o ponto no “i”: “Sobre mim mesmo não posso te dizer nada. Estou desesperançado, entorpecido, estupefato, sem qualquer fé e expectativa com respeito ao futuro”.

Conservou-se uma fotografia de Julian Tuwim dos tempos da estada no Rio de Janeiro. Vestindo um terno preto, o poeta está sentado, sozinho, em um banco de pedra. Uma invisível cortina de ar separa-o das pessoas que se entregam às alegrias da praia. Ele não se interessa pelos prazeres locais, não participa da brincadeira, em parte ausente, vasculha por trás dos óculos escuros uma indefinida distância. Pode-se comparar a figura do poeta com um pássaro que, das lonjuras do norte, veio dar em uma terra incandescida pelo sol. Em diferentes países e lugares do planeta, na França, em Portugal, no Brasil e nos Estados Unidos, o sentimento de ser um estranho não abandonava o poeta.

“Pouco me importa esse sonho de beleza à beira-mar” – confessou Kazimierz Wierzyński em seu “Poema do Rio”. No caso de Tuwim a recusa a experimentar os encantos da paisagem brasileira não é tão radical. Verdade seja dita, o deleite do olhar é abafado pela tristeza do coração, e a nostalgia, que ordena à imaginação peregrinar rumo ao passado, afasta a atenção do escritor das impressões que seus sentidos recebem. O Rio – esfuziante e tentador – não se deixa apreender e descrever inteiro. Poema digressivo extemporâneo, tardo de algumas épocas, *Kwiaty polskie* é permeado de autobiografia, e os fatos ali reconstruídos remetem ao que ficou para trás. Começada no Rio de Janeiro, a obra põe em segundo plano o espaço cultural de sua própria gênese. Abre-se todavia para os territórios da lembrança: Łódź, a cidade da infância, a Varsóvia da idade adulta, e cada detalhe evocado, até o mais ínfimo, tem o valor de um precioso achado arqueológico. Eis que eventos e coisas de outrora, colecionados e enumerados, podem ressuscitar graças à magia da palavra poética.

Sói acontecer a escritores profecias privadas. Não foi outro o caso de Tuwim, que no pouco conhecido poema “À Artur Rubinstein”, de 1929, compara o virtuosismo e os recitais do célebre pianista pelo mundo com uma arte poética da memória, com as tentativas de encontrar um estilo apto a exprimir as comoções do passado. Assim como Rubinstein “em Londres, em Barcelona, no Rio”, Tuwim dá ouvidos à sua própria meninice. Já de forma meditada – na última das cidades referidas – o poeta dedicou-se a essa tarefa no processo de elaboração de *Kwiaty polskie*. A literatura nostálgica ocupa-se do que está afetivamente próximo do autor, porém ausente, perdido. Não nos surpreendamos em

demasia, então, com o fato de que o poeta tenha tratado incidentalmente sua experiência brasileira e que só vez ou outra aluda a elementos concretos da topografia carioca, à cor local e à sonoridade da língua. Em um episódio da segunda parte da obra Tuwim relata, em um tour de force poético, a embriagada viagem no transatlântico Angola de Lisboa ao Rio de Janeiro (neste mesmo navio Pilsudski viajou anos antes para a Ilha da Madeira). Da verdadeira história conservaram-se apenas uns poucos fragmentos realistas em *Kwiaty polskie*: a cabine de terceira classe, a myriads myriadum de pulgas, a andança no convés, o uísque bebido na elegante companhia de Jan Lechoń e do príncipe Roman Sanguszko. No relato poético o cruzeiro logo se transforma em uma viagem fantasmagórica e “infernai”, e até certo ponto em louca aventura. De textos memorialísticos e romances sobre emigrantes depreenderíamos muito mais, evidentemente, sobre as aflições da viagem e as impressões do primeiro contato com a nova terra, mas para Tuwim não se tratava, afinal, de fixar pormenores, e sim de criar uma versão mítica do encontro com a América. Essa fantasia poética tem um complemento que procura dar conta da realidade da viagem, as cartas do autor a sua irmã, Irena Tuwim.

Recorrendo a diversos estilos poéticos – da despreocupada troça a um grotesco de alcance cósmico – Tuwim tenta tomar as rédeas das desventuras do exílio. Lança mão de uma camuflagem poética, usa máscaras e disfarces. Identifica-se com o navegador português Pedro Álvares Cabral, capitão-mor da expedição que “descobriu” o Brasil. A evocação da “terra-assombro” que se descortina ante seus olhos é estilizada à maneira de uma crônica quinhentista, o Canto negro de Nicolás Guillén é citado e metamorfoseado em uma série de surpreendentes variações e mais adiante a viagem se faz perceber por meio das gravuras que ilustravam o romance de Richard Roth, O jovem exilado, obra que fascinou Tuwim na juventude. Em suma, a viagem no Angola tem de ser misteriosa, selvagem, imprevisível. Seria possível afirmar: a reação do poeta é excêntrica, defensiva, talvez até pueril. Consiste nisso mesmo, entretanto, o método para apartar de si o presente e o futuro. Já que a clepsidra do tempo pôs-se “de ponta cabeça” e os espaços terrestres e celestes viraram do avesso (fulgiu no céu o Cruzeiro do Sul), o Brasil só podia revelar suas paragens de modo extraordinário. Eis a geografia e a zoologia fantásticas de Tuwim: “rochas-assombros – répteis-assombros [...] árvores-assombros – pássaros-assombros”. As novas plagas são saudadas em português com um brado extático e um louvor jocoso à bandeira brasileira: “Viva, Cruzeiro!/ Viva, uísque!/ Viva, bandeira nacional!”

A narração poética da outra viagem marítima – do Rio de Janeiro para Manhattan (no navio Uruguay, em maio de 1941) – que termina o episódio brasileiro na biografia de Tuwim principia pela descrição da figura monumental do Cristo no Corcovado, prossegue por entre apóstrofes ao Redentor, para então desembocar em uma digressão de tom antipapal. O vínculo genético das *Kwiaty polskie* com o Rio só é explicitado no “Epílogo do primeiro tomo”. As flores brasileiras não são apenas uma réplica exótica das flores nativas da Polônia, mas também o arremate da quimérica construção do poema. No “Epílogo”, justamente, é arranjado e atado o buquê do Brasil. Se Kazimierz Wierzyński no já referido “Poema do Rio” não quis sequer se perguntar o nome das floridas árvores brasileiras, Tuwim colhe às mancheias da nomenclatura botânica do português (“Flor de Ipê, Jasmim do Cabo, Maracujá”) e também menciona pelo nome bairros cariocas ao explicar o primeiro impulso criador (“De Copacabana, de Ipanema, / Da Tijuca, de Botafogo, do Leme/ Uma floricultura de palavras polonesas”). Mais ainda: sensível à música da língua, o poeta saboreia essas palavras. As sonoridades exóticas, reparamos, somam preciosos ornamentos ao rico aparato verbal dos nostálgicos retornos ao país da infância.

Contudo, o Rio de Janeiro algo espectral de Tuwim não se rende à plena visibilidade. Um punhado de traços rápidos esboça antes certa ideia da cidade, ou quiçá o mito de uma cidade. O cenário pitoresco, tão belo que até feérico, é percebido como um fragmento da Atlântida ou uma cidade-prodígio a ascender rumo às alturas, a lançar-se para o voo. Surge em uma invocação o elogio de um lugar no qual se acumularam tantas das possibilidades da criação. Uma cidade assim não deveria existir, porque ultrapassa as medidas da imaginável:

*Quem te inventou? De quem és lorota?  
O oceano, talvez, com seu balbucio,  
Insinuou-te às costas crédulas  
E esculpiu na terra o prodígio imenso...  
Mas outros dizem – e eu acredito –  
Que o Criador deu contigo num passeio,  
A passos bêbados de dança...*

Rio – capricho da natureza ou improvisação divina, liberta do plano sistemático da criação. Não se deve esquecer, no entanto, que a escapada de Tuwim para o Brasil durante a guerra foi valiosa porque libertou palavras poéticas polonesas. Sob o regime comunista, nos tempos da República Popular da Polónia, a retomada daquela vivência nas declarações de Tuwim foi coisa infrequente e, a rigor, marginal. Soa sintomática a confissão em conversa com Maria Szczepańska, publicada no Dziennik Literacki em novembro de 1947: “Pena que não tivemos tempo para falar sobre a América e o Brasil, em caráter privado, não para a entrevista. Rio de Janeiro... que cidade, dizem que é a mais bela cidade do mundo...” O poeta acrescenta, todavia: “para mim nada de Rio, para mim a mais bela cidade no globo terrestre é Varsóvia.” É uma beleza difícil, porque está ligada a heroísmo e sofrimento, e também aos sentimentos do poeta. Nas *Kwiaty polskie* lemos a seguinte coda, em polonês e português: “Dziękuję. Muito obrigado/ Za Rio i za wiersz wygnańczy” (“Obrigado. Muito obrigado/ Pelo Rio e pelo poema do exílio”). Para os fugitivos e testemunhas da história, a visão da extraordinária cidade de morros e de baías, de azul e de ar, parece demasiado irreal, demasiado distante. A liberdade e os voos da imaginação, tal como no caso de Tuwim, são limitados pelos deveres do poeta, pelas sentenças da história e as desafortunadas reviravoltas do destino.

**WOJCIECH LIGEZA** – historiador da literatura, crítico literário, ensaísta, professor no Departamento de Estudos Poloneses da Universidade Jaguelônica, vice-presidente na filial de Cracóvia da Associação de Escritores Poloneses. Autor dos livros: *Jerusalém e Babilônia. Cidades dos poetas exilados* (Cracóvia 1998) *O lado mais iluminado da catástrofe. Ensaio sobre a obra dos poetas no exílio*, (Cracóvia, 2001), *A poesia de Wisława Szymborska. O mundo em estado de correção* (Cracóvia, 2002). Co-autor e redator de obras selecionadas, entre outras: *Vozes da memória. Estudo das obras de Aleksander Wat* (1992); *Seja você quem for, não tem uma pátria. Tópicos da poesia polonesa contemporânea no exílio* (1995); *De volta ao esquecimento. A década da literatura do exílio, 1989-1999* (2001), *Retrato do início do século. A obra de Zbigniew Herbert – continuações e revisões* (2005).

Tradução de Marcelo Paiva de Souza





# POEMAS PARA ADULTOS

Julian Tuwim em White Plains, EUA — fotografia tirada entre 1942 e 1944, autor desconhecido

Tradução PARA o português do fragmento do poema *Flores polonesas* de Julian Tuwim, dedicado a Olegário Mariano. Tradução literária feita pela Legação da República da Polónia no Brasil, em 1943

" KWIATY POLSKIE " - " FLORES POLONESAS "

Fragmento.

Dedico esse fragmento ao poeta brasileiro  
OLEGARIO MARIANO - com a minha gratidão  
pelo auxílio prestado ao exilado -  
e com amor à sua esplêndida Pátria.

.....

Meu Poema ! Estranha é a tua sorte ...  
Pois pensa : Rio de Janeiro  
Foi a estufa de tuas flôres,  
E lá ( - lembra-te das orquídeas,  
Flôr de ipê, Jasmim de Sabo,  
Maracujá e Flamboyant,  
Árvores gigantes de seis andares,  
Cobertas de flôres sangrentas ? - ),  
E lá, repito, tão pouco é preciso  
Para que da terra, com a benção de Deus,  
Jorre tudo que pode sonhar  
E mais ainda - - além dos sonhos !  
Lá - que céu ! que terra ...  
De repente, como se fosse uma messe perfumada,  
Que eu ceifasse profusamente  
Em Copacabana, no Ipanema,  
Na Tijuca, Botafogo, Leme,  
Uma florescência de palavras polonesas germinou  
E foi se alastrando pelo Rio de Janeiro,  
Berrante, colorida, como uma feira persa,  
Como o carnaval carioca.  
E, no meio dessa orgia de flôres - o jardineiro, não "um floreiro"

- 2 -

Não " um jardineiro brasileiro"  
Mas o nosso amigo, senhor Dziejewicki.  
Oh! Rio das côres ! Oh! " Colerico" !  
Rutilante cobra de mosaico  
No grande arco da Avenida;  
Oh! Rio ! Ilhota da Atlântida  
Por milagre salva, no globo,  
E agarrando-se ao céu azul  
Pelos braços das palmeiras, por cabos de cipó,  
Por dentes de morros e rochedos abrutos!  
Rio, dos beija-flôres vibrantes  
Atrás das janelas, num dia de Natal, como uma nuvem de asas!  
Oh! Rio das noites estagnadas,  
Das madrugadas de cobre fulgurante  
Douradas ao alvôr do sol !  
Quem te inventou ? Quem te gerou em delírio ?  
Talvez o oceano, com a encantação de suas vagas  
Tenha feito passar as praias crédulas  
Com a tua miragem, modelando na argila da terra  
A maravilha que és ! ...  
Outros pretendem - e acreditarei -  
Que o Criador, vagando,  
Em passo ébrio, dançando te criou  
Atirando pelo cuminho palmeiras, rochedos,  
Negros, calor e flôres ...  
Bem dita ferra !  
Agradeço ! - "muito obrigado"  
Pelo Rio - e pelos versos do exílio.  
.....

Julian Tuwim.  
New York, 1943.

## FLORES POLONESAS – fragmento

Tradução literal feita pela Legação da República da Polônia no Brasil, em 1943

*Dedico êsse fragmento ao poeta brasileiro  
OLEGARIO MARIANO – com a minha gratidão  
pelo auxílio prestado ao exilado –  
e com amor à sua esplêndida Pátria.*

.....  
Meu Poema! Estranha é a tua sorte...  
Pois pensa: Rio de Janeiro  
Foi a estufa de tuas flôres  
E lá (- lembra-te das orquídeas,  
Flôr de Ipê, Jasmin de Cabo,  
Maracujá e Flamboyant,  
Árvores gigantes de seis andares,  
Cobertas de flôres sangrentas? -),  
E lá, repito, tão pouco é preciso  
Para que da terra, com a bênção de Deus,  
Jorre tudo que podes sonhar  
E mais ainda - - além dos sonhos:  
Lá – que céu! Que terra...  
De repente, como se fosse uma messe perfumada,  
Que eu ceifasse profusamente  
Em Copacabana, Ipanema,  
Na Tijuca, Botafogo, Leme,  
Uma florescência de palavras polonesas germinou  
E foi se alastrando pelo Rio de Janeiro,  
Berrante, colorida, como uma feira persa,  
Como o carnaval carioca.  
E – no meio dessa orgia de flôres – o jardineiro, não “um floreiro”  
Não “um jardineiro brasileiro”  
Mas o nosso amigo, senhor Dziejewski.  
Oh! Rio das côres! Oh! “Colorio”!  
Rutilante cobra de mosaico  
No grande arco da Avenida!  
Oh! Rio! Ilhota da Atlântida  
Por milagre salva, no globo,  
E agarrando-se ao céu azul  
Pelos braços das palmeiras, por cabos de cipó,  
Por dentes de morros e rochedos abruptos!

Rio, dos beija-flores vibrantes  
Atrás das janelas, num dia de Natal, como uma nuvem de asas!  
Oh! Rio das noites estagnadas,  
Das madrugadas de cobre fulgurante  
Douradas ao alvôr do sol!  
Quem te inventou? Quem te gerou em delírio?  
Talvez o oceano, com a encantação de suas vagas  
Tenha feito pasmear as praias crédulas  
Com a tua miragem, modelando na argila da terra  
A maravilha que és! ...  
Outros pretendem – e acreditarei –  
Que o Criador, vagando,  
Em passo êbrio, dançando te criou  
Atirando pelo caminho palmeiras, rochedos,  
Negros, calor e flôres...  
Bem dita farrá!  
Agradeço! – “muito obrigado”  
Pelo Rio – e pelos versos do exílio.

*O fragmento faz parte do acervo do Arquivo de Registros Novos em Varsóvia.*

## AS FLORES POLONESAS – fragmento

Tradução de Geir Campos

(...)

Rio – um pedaço da Atlântida  
salvo na Terra como por milagre  
e do céu a pender  
por meio de palmeiras e cipós...  
e morros denteados e pedreiras íngremes:

Rio – de beija-flores a vibrarem  
na ceia de Natal  
e a esvoaçarem com rastros de sangue  
junto às janelas!

Rio – de noites paradas  
e madrugadas vermelhas de cobre,  
cada vez com mais força e mais calor.  
Quem te criou? Quem te imaginou?  
Talvez o mar-oceano em seu marulho  
te haja levado crédulo até o litoral  
e te haja esculpido na terra firme  
como infinito milagre!

Mas outros dizem – e eu acredito –  
que foi o próprio Criador quem  
durante um passeio, com passos ébrios  
te fez, ó Rio,  
em sua dança cambaleante,  
plantando no caminho as palmeiras e as pedras...  
e os negros e as florestas e os calores...

Abençoado passeio!  
E eu digo: obrigado, muito obrigado  
pelo Rio e por este poema do exílio!

(...)

*In: Henryk Siewierski, História da literatura polonesa,  
Editora Universidade de Brasília, 2000, p. 148.*

## RELVA

Tradução de Marcelo Paiva de Souza

Relva, relva, até os joelhos!  
Ergue-te até minha frente,  
Para que ao pensar nem  
Eu, nem prado desponte.

P'ra que me cubra de verde  
E floresça até a medula  
Óssea, já sem palavras  
Que afastem tua frescura.

Para que a ti e a mim mesmo  
Então sirva um nome único:  
Ou a nós ambos – relva,  
Ou a nós ambos – tuwim.



## POEMA ERÓTICO

Tradução de Henryk Siewierski

As noites já pedem por pecados,  
De primavera eu grito como de dor,  
Prende-me com um gozo sem piedade  
Em teu abraço salvador!

E se o meu corpo revoltado  
Tentar de novo se desprender,  
Fala-me a primeira palavra,  
Que ainda não ouvi de ninguém.

Pois de novo o simum pagão sopra  
Rajadas, rodopios, clarões, tempestades!  
Lembra-te de me despir dos tufões e acariciar,  
Quando de novo eu me tornar selvagem!



## POEMA

Tradução de Aleksandar Jovanović

Quando sei  
que o poema  
haverá de surgir,  
encerro o universo  
entre parêntesis,  
e coloco diante do parêntesis  
o sinal

da função, do fator.

Começa então a operação,  
Reflexão sonora e rápida,  
e o poema  
emerge claro sobre o quadro-negro,  
como um problema  
de álgebra.

Depois,  
abro o parêntesis,  
libero os elementos aprisionados  
e apago o quadro-negro.

E canto a alegria –  
para a casa e da escola –  
e morro de amor dentro da casa.

*In: Céu vazio. 63 poetas eslavos. Organização, estudo introdutório,  
notas biográficas e tradução de Aleksandar Jovanović. São Paulo: Editora Hucitec, 1996, p. 60.*



## O ENTERRO

Tradução de Carlos Drummond de Andrade

O candeeiro de petróleo derramava um clarão pálido.  
Eles levavam qualquer coisa pela escadaria negra,  
pela escadaria negra de madeira.  
E andavam, andavam, desciam,  
murmuravam qualquer coisa, falavam,  
inclinavam a cabeça,  
sacudiam a cabeça,  
andavam, andavam, desciam.  
A neve tombava, estava úmido,  
e eles retorciam as mãos.

*In: Carlos Drummond de Andrade. Poesia traduzida.  
Org. e notas de Augusto Massi e Julio Castañon Guimarães.  
São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 363. Tradução publicada  
originalmente no jornal "Correio da Manhã",  
de 22 de fevereiro de 1947.*

*Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond  
www.carlosdrummond.com.br*

## POEMAS PARA CRIANÇAS

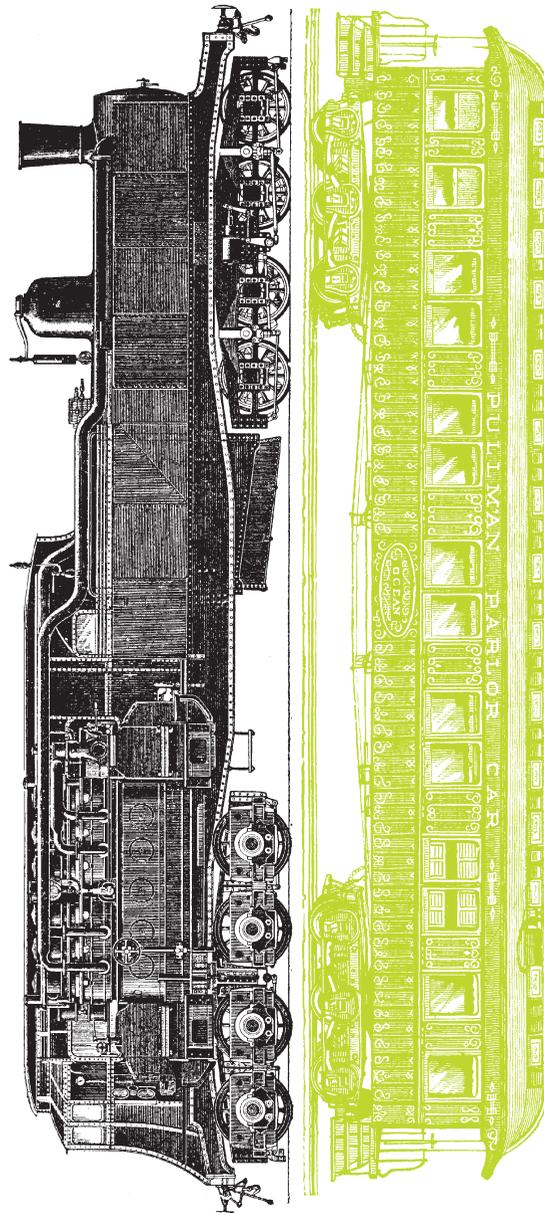


Karol Kranc, Kazimierz Kranc, Karol Unilowski, Maria Unilowska, Stefania e Julian Tuwim nos EUA  
– fotografia tirada por volta de 1942, autor desconhecido

## A LOCOMOTIVA

Tradução de Gerardo Beltrán e José Carlos Dias

Já na estação a locomotiva,  
 Pesada e enorme, sua aflitiva  
 Óleo de oliva.  
 Arfa, ofega e fogo bufa,  
 Da sua pança que treme e rufa:  
 Uf, que calor!  
 Puf, que calor!  
 Uh, que calor!  
 Puh, que calor!  
 Já mal respira, quase suspira,  
 Vem o fogueiro e carvão lhe atira.  
 Tantos vagões a ela engatados!  
 De ferro e aço, grandes, pesados!  
 E vai muita gente em cada vagão,  
 Um tem cavalos, outro um vacão.  
 E no terceiro, só barrigudos  
 Que vão comendo paíes chorudos.  
 No quarto, viajam muitas bananas.  
 No quinto, sete harpas romanas.  
 No sexto, um canhão, que impressionante!  
 Pousado em grandes vigas possantes!  
 Sétimo – mesas e dez armários.  
 Oitavo – ursos e dromedários.  
 No nono – porcos gordos, cevados.  
 No vagão dez – cem baús fechados.  
 Quantos vagões! Mais de quarenta!  
 E nem eu sei o que mais lá entra.  
 Mesmo que viessem uns mil atletas  
 E que comessem mil costeletas,  
 Nem que pusessem a força toda,  
 Não moveriam nem uma roda.



Pia o apito!  
 Silva o silvito!  
 Voa o vapor!  
 Rodas, andor!

Como tartaruga, primeiro lentina,  
 Já mexe, chameja, com sono, na linha,  
 Puxa os vagões e torce-se toda,  
 E roda que roda, vai roda após roda,  
 O passo acelera e corre depressa,  
 Já bate e com pressa, travessa a travessa.  
 Pra onde? Pra onde? Pra onde? Pra lá!  
 Prò porto, prò porto, prò porto, e já!  
 Por vales, por montes, por túneis, prò mar,  
 Depressa, depressa pra não se atrasar,  
 A trote atravessa, o compasso não troca,  
 Com um baque que bate, com um toque que toca.  
 Ligeiro artefato rolando com tato,  
 Como uma bolinha, não ferro compacto,  
 Nem peça pesada, nem mera sucata,  
 Mas jogo, brinquete, brinquedo de lata.

Mas de onde, mas como, porque corre e vai?  
 O que é que, o que é que, o que é que a atrai?  
 Que roda, que rola, que bufa, buf-buf?  
 É pelo vapor que a puxa, puf-puf!  
 Que vai da caldeira direto aos pistões,  
 E mexe as rodas com palpitações,  
 E correm, e empurram, e o trem não se cansa,  
 Já sopra com força o fumo que lança,  
 E batem as rodas e um toque retoca,  
 Com um baque que bate, com um toque que toca!...

## O ABECÊ

Tradução de Marcelo Paiva de Souza

O abecê caiu da estante,  
Levou um tombo tremendo,  
Foi letra pra todo canto,  
Estrepou-se que só vendo:

o I – ficou sem pinguinho,  
no H – já era o tracinho,  
o B – 'spremeu as pancinhas,  
o A – luxou as perninhas,  
o O – feito um balão – pou!  
O P até se assustou,  
o T – está destelhado,  
o L – é um U deitado,  
o S – sem silhueta,  
o pobre R – pernetá,  
o W – meio lelé:  
eu pareço o M, né?



## O TITITI DAS AVES

Tradução de Marcelo Paiva de Souza

A gansa e a marreca, vizinhas,  
Reprocham os pés das galinhas.

A perua e a galinha, a sós,  
Criticom a pata sem dó.

A galinha d'angola e a pata  
Desancam a perua chata.

Outra pata quaquá se esgoela,  
Essa gansa, ahn, gue guer dela?

A gansa na hora revida:  
Pata beberona, bandida.

Dona angola peita a perua:  
Sua linguaruda, urubua.

Que rebuliço no quintal!  
Tem pena voando geral...

## SEU TRALALIŃSKI

Tradução de Marcelo Paiva de Souza

Mora um cantor de fama insólita,  
Tralisław Tralaliński, lá  
Na comarca de Cantigópolis,  
Centro, Avenida Felicińska.

Sua patroa – Tralaloa,  
Sua filha – Tralalota,  
O seu filhote – Tralalote,  
Seu lindo cão – o Tralalão.

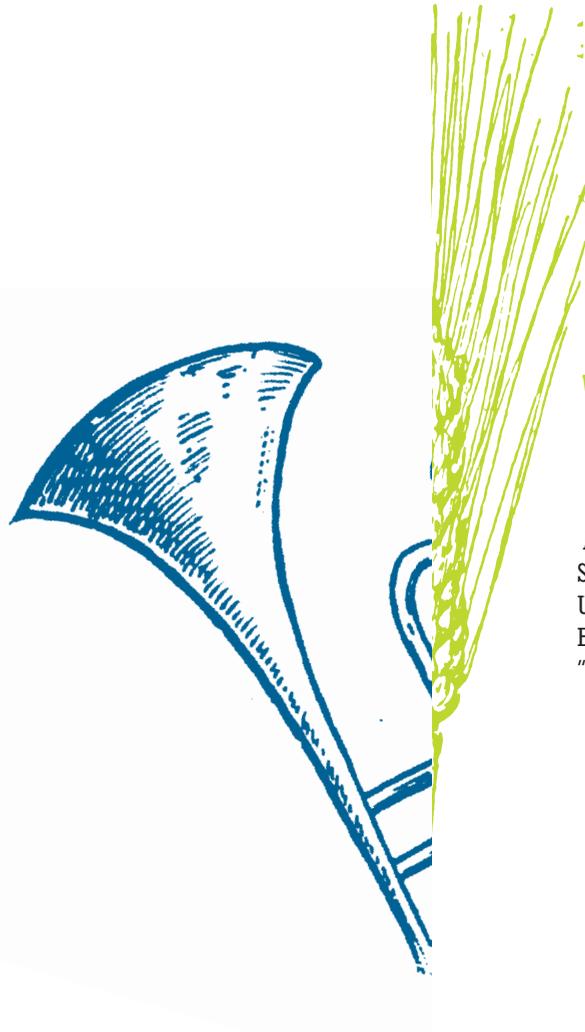
Gatinho? Também tem gatinho,  
Ele se chama Tralalinho,  
E tem também a papagaia,  
Engraçadona, a Tralalaia.

Todo dia, após o café,  
A turma unida e bem alerta  
Ensaia, em honra ao caro mestre,  
Sua cantiga predileta.

Seu Tralisław, concentradíssimo,  
Ergue a batuta – tralaluta;  
Calam-se todos, e em uníssono  
Então eis que a canção se escuta.

“Tralala trala tralala  
Tralala tralala trala!”  
Vejam que coro do barulho,  
Enche seu Tralisław de orgulho.

Cantam bem no tom, tralalom,  
E o mestre mesmo, alto e bom som,  
Na bela cantiga se embala:  
“Tralala tralala trala!”



Já na cozinha e na garagem  
A cantoria quer passagem,  
O canto não cessa um instante,  
Já se ouvem na rua os passantes:

O motorista – Tralalista,  
A cozinheira – Tralaleira,  
Uma empregada – Tralalada,  
Um jornalista – Tralaleiro,  
Um engraxate – Tralalate,  
O policial – Tralalal,  
Um advogado – Tralalado,  
O geriatra – Tralalatra,  
Até o pobre camundongo,  
O pequenino Tralalongo,  
Muito embora tema o gatinho,  
Aquele fofa Tralalinho,  
Sentou-se ali no seu cantito,  
Um apertado tralalito,  
E cantarola assim baixim:  
“Tralala – trala – tralalim...”

## O ROUXINOL ATRASADO

Tradução de Marcelo Paiva de Souza

A dona Rouxinol na acácia está aos prantos;  
Voltaria pro jantar às nove, se tanto,  
Seu Rouxinol, sempre ali na hora marcada,  
Mas lá se vão as onze e seu Rouxinol — nada!

Esfriou a sopa de orvalho vespéral,  
As moscas recheadas ao molho floral,  
A borboleta no espeto p'ra petiscar,  
A torta de vento com raio de luar.

Terá havido algo? Talvez assaltantes?  
As peninhas, meu Deus, a voz de diamante?!  
Inveja! Foi a tal cotovia, decerto!  
As penas, menos mal, a voz — é um concerto!

De repente, seu Rouxinol: trina, saltita...  
Onde o senhor estava? Eu aqui aflita!  
E seu Rouxinol chilreia: "Perdão, docinho,  
Tão linda a noite, que voltei a pé pro ninho!"



## ÓCULOS

Tradução de André de la Cruz

O Sr. Hilário solta um grito gutural:  
"Onde estão meus óculos de grau?"

Procura nas calças e no fraque perfeito  
No sapato esquerdo e no sapato direito

Nos armários, deixa tudo remexido,  
Apalpa roupão, apalpa vestido.

"Um escândalo (...) — (...) brada teatral —  
Alguém roubou meus óculos de grau!"

Debaixo do sofá, em cima da cama,  
Em todos os lugares! E bufa, e reclama!

Procura no forno e na boca da lareira,  
No buraco do rato e no piano de madeira.

Já quer o chão despedaçar,  
E decidiu a polícia chamar.

De repente, (...) no espelho se mira...  
Não pode acreditar... parece mentira.

Lá estão eles! Sorri feliz!  
Estavam todo tempo em seu próprio nariz.

## NEUSINHA EUZINHA

Tradução de Marcelo Paiva de Souza

Tem uma certa Neusinha  
Que chamam de Neusinha-Euzinha,  
Com ela é tudo

“Eu! Eu! Eu!”

Que prima donna, Deus meu!  
Tudo ela só já conhece,  
Tudo ela faz e acontece,  
A escola, o livro, a mamãe – balela  
Pura e simples, pois tudinho é ela!  
Não é uma sabe-tudo,  
De que serve então juízo, estudo?  
Aprender – não faz por onde,  
Na hora ela não responde?

Mas pergunte a Neusinha na prova:

- Quanto é quatro mais quatro?

- Nove! Nove!

- Dr. Oswaldo Cruz foi?

- Presidente!

- Sete de setembro é?

- Tiradentes!

- Come-se vatapá em?

- Belém!

- E estudar, não convém?

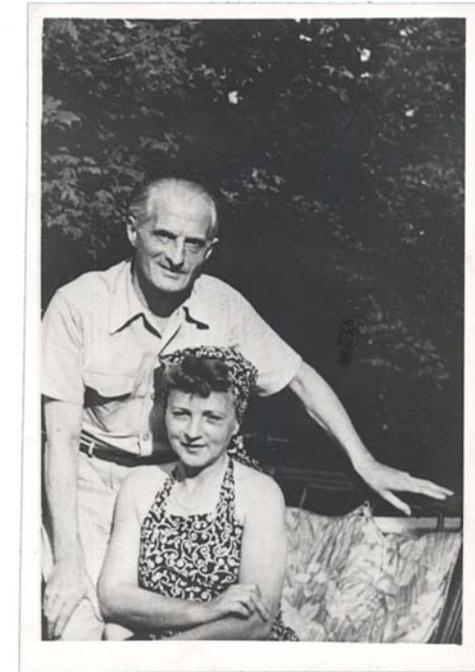
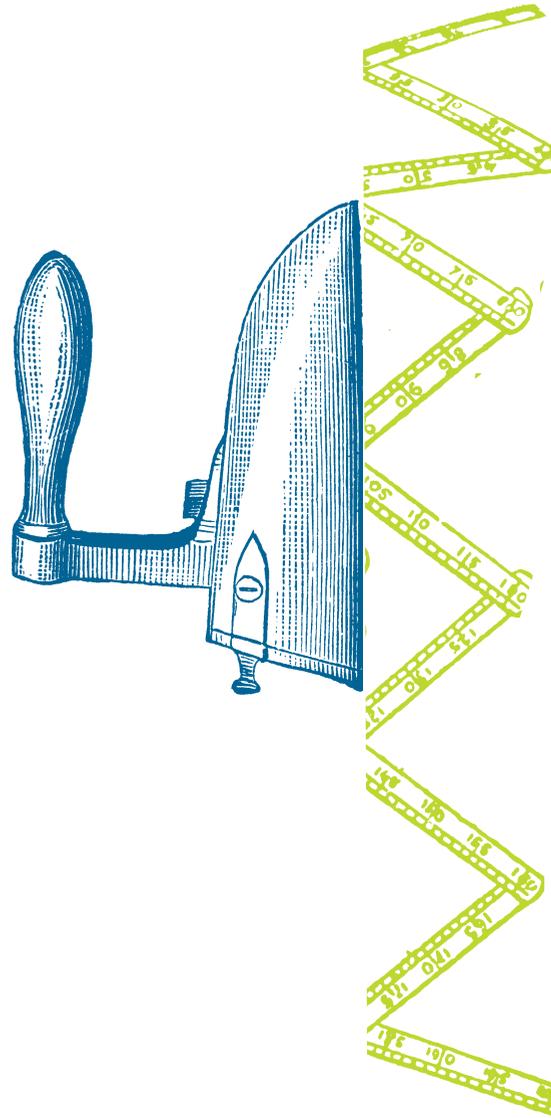
- Nem vem!

Eu sei tudo tintim por tintim  
E a sobremesa é toda pra mim,  
Faço euzinha até um avião,  
Comigo não tem perrengue não!  
Quem vai aprender, e perguntar,  
E ler, e descobrir, e errar,  
Queimar pestana e toutiço  
Sem que se precise disso!

- Grande sabichona!

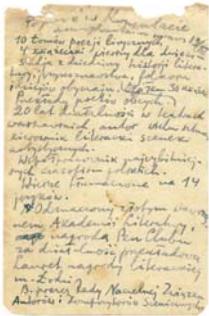
E a boboca de quem se escreveu?

- Eu, eu!



## ARQUIVO DE REGISTROS NOVOS

— documentos encontrados no Brasil.



10 volumes de poesia lírica, 4 livros de poesia para crianças, estudos da história da literatura, linguística, folclore e história dos costumes.

Traduções de poetas estrangeiros. Total de 30 livros.

20 anos de atividade nos teatros de Varsóvia, autor de diversas peças, diretor literário de cenas artísticas.

Colaborador dos mais importantes periódicos poloneses.

Poemas traduzidos para 14 idiomas.

Premiado com o "Złoty Wawrzyn Akademii Literaturny", prêmio de Pen Club pelos trabalhos de tradução.

Laureado com o prêmio literário da cidade de Łódź.

Ex-presidente do Supremo Conselho de Autores e Compositores Teatrais.



New York, 24 de setembro de 1941

Prezado e Muito Estimado Senhor Ministro,  
Agradeço de coração pela ajuda na "transferência" numerária. Nunca imaginei que meus assuntos financeiros abrangessem uma área tão extensa quanto o triângulo Londres-Rio-Nova York. Digno de transações bilionárias!

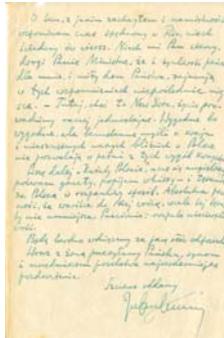
Reenvio ambos os recibos. O valor de 2356 mil réis, peço ao Senhor Ministro que se digne a pagar ao Senhor Michał Kranc, hospedado no Rio (Hotel Natal), de cujo irmão recebi o equivalente em dólares. O Sr. Kranc pessoalmente procurará a Legação, pois já foi informado. Quanto aos requerimentos para Londres, encaminhei-os há muito tempo, infelizmente sem sucesso. Parecem existir algumas dificuldades. No entanto, tenho esperanças de, finalmente, encontrar uma forma de transferir legalmente essa subvenção.

Caro Senhor Ministro, ouvi rumores de que alguns brasileiros hipersensíveis fizeram um "escândalo" (foi assim que me escreveram de São Paulo) por causa uma única entrevista que aqui tinha dado e que até o Senhor Ministro foi interpelado pelo MRE brasileiro. Isso é verdade? Envio em anexo o texto desse *interview*. Eu ficaria verdadeiramente inconsolável se o seu teor fosse visto como prova da minha ingratidão ao país onde encontrei abrigo e do qual me lembro com a maior e a mais sincera simpatia. O que eu disse sobre certas tendências totalitárias no Brasil é coisa notoriamente conhecida, e a forma como me expressei me parece suave e relativa. A culpa joguei nos fascistas do Eixo e não no governo ou no povo. O fato de eu odiar vigorosamente todo e qualquer tipo de canalhas fascistas não deveria surpreender. Fico do lado de Churchill e Roosevelt!

Lamentaria se o Senhor Ministro tivesse alguns desgostos por minha causa. Caso haja necessidade e caso o Senhor o considere conveniente, estou à disposição para escrever uma carta a algum "Correio da Manhã", para expressar minha calorosa gratidão pela hospitalidade que recebi no Brasil e todos os melhores sentimentos que nutro por este país. — Agradeceria ao Senhor Ministro pelas informações sobre todo esse assunto.

Com um cordial aperto de mão,

Julian Tuwim



Nova York, 24 de setembro de 1943 -  
quinto e último ano de exílio.

Muito Estimado Senhor Ministro,  
Dirijo-me ao Senhor com um grande pedido. Haveria alguém na legação ou na colônia polonesa do Rio, que estivesse disposto a traduzir para o português a carta em anexo, dirigida ao Olegário Mariano – assim como um poema dedicado a ele?

Sei que quando o Senhor pedir a um homem simpático e compreensivo para que ele traduza um poema, ele vai sentir "escrúpulos literários": que isto é poesia e a tradução será (suponho eu) em prosa. Por antecedência o perdoo e desde já fico agradecido por uma simples e literal tradução. Peço gentilmente o favor de enviar ao Olegário os originais juntamente com as traduções.

Que este poema testemunhe o encanto e a paixão com que recorro o tempo passado no Rio. Acredite, caro Senhor Ministro, que vossa gentileza para comigo e a vossa agradável casa, ocupam nestas lembranças um lugar não menos importante. – Aqui, embora seja a Nova York, levamos uma vida bastante monótona. Confortável ela é, mas os pensamentos constantes sobre o país e a infelicidade dos nossos na Polônia, não nos permitem gozar plenamente deste conforto.

Continuo escrevendo *Flores polonesas*, estudo inglês, devoro jornais, beberico uísque – e sinto saudades da Polônia de maneira desesperada. A certeza absoluta de que em breve voltarei para Ela, de nenhuma forma diminui essa saudade. Pelo contrário: incita a impaciência. Ficarei muito agradecido por algumas palavras de resposta. Juntamente com minha esposa, enviamos aos senhores, vossos filhos e funcionários da legação as mais calorosas saudações.

Cordialmente, Julian Tuwim

São Paulo, 29 de abril de 1941.

caixa postal nº 982

No. 578-Br-Sp-21/97

À  
Legação da R.P.  
no Rio de Janeiro

Em referência ao ofício da Legação do dia 16 do mês corrente No.307/Br/137 – comunico que os senhores Tuwim receberam hoje os vistos para entrarem nos Estados Unidos; os senhores Wierzyński receberão os respectivos vistos no dia 6 de maio do corrente ano.

Quanto ao Senhor Lechoń, informo que consegui colocá-lo na lista de saída; no dia 15 de maio do corrente ano será aceito e, muito provavelmente, no final de maio ou no início de junho do corrente ano ele também deverá obter o visto americano.

M. Rogatko

Vice-cônsul

## SOBRE OS TRADUCTORES

**CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE** – um dos maiores poetas brasileiros do século XX. Também autor de contos, crônicas e livros infantis.

**GEIR CAMPOS** – Poeta, editor, professor ginásial, professor universitário, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde em 1980 fez-se Mestre em Comunicação, e em 1985 defendeu tese de doutorado sobre o tema “O ato criador na tradução”. Tradutor, contista, radialista. É o autor da letra do hino de Brasília, cuja música é de autoria da professora Neusa Pinho França Almeida. Foi membro fundador do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro e da Associação Brasileira de Tradutores, da qual foi presidente, lutando pela conscientização dos que traduzem profissionalmente no Brasil e pela regulamentação desta profissão. Traduziu várias obras de Rilke, Brecht, Goethe, Shakespeare, Sófocles, Whitman e outros.

**MARCELO PAIVA DE SOUZA** – Bacharel em Letras Português (1993) e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (1996), doutor em Ciência da Literatura pela Uniwersytet Jagielloński, de Cracóvia, Polónia (2000). Atua principalmente nas seguintes áreas: teoria da literatura, história da literatura e do teatro brasileiros, história da literatura e do teatro poloneses, literatura comparada e estudos da tradução. É professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal do Paraná, e tradutor. Recentemente, foi publicada sua tradução (com introdução e notas) de *O testemunho da poesia: seis conferências sobre as aflições de nosso século*, de Czesław Miłosz (Curitiba: Editora UFPR, 2012).

**HENRYK SIEWIERSKI** – Professor do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (UnB), doutor em Ciência da Literatura pela Uniwersytet Jagielloński, de Cracóvia. Publicou, entre outros, *História da literatura polonesa* (Editora UnB, 2000) e *Livro do rio máximo do Padre João Daniel* (Educ, 2012). Traduziu obras de vários autores poloneses e brasileiros.

**ALEKSANDAR JOVANOVIĆ** – Doutor em Linguística Geral e Semiótica, é professor da Universidade de São Paulo. Trabalha, basicamente, com Linguística Aplicada e formação de professores de línguas estrangeiras. Pesquisa Teorias de Aquisição e Abordagens e Métodos de Ensino de Línguas Estrangeiras. Também é tradutor de algumas línguas da Europa Centro-Oriental.

**JOSÉ CARLOS DIAS** – Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (variante de português e inglês) pela Universidade do Algarve e pós-graduado em Cultura Portuguesa Contemporânea pela Universidade Aberta. Leitor do Instituto Camões no Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Universidade de Varsóvia, onde ensina língua e literatura portuguesa, e dirige o grupo de teatro português e a revista *¿?*. Traduz do inglês, do espanhol e do polonês, e tem contos publicados no fanzine *Celacanto*.

**GERARDO BELTRÁN** – Poeta e tradutor mexicano, doutorado em Literatura Comparada e professor de tradução literária no Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Universidade de Varsóvia, onde também é chefe da Secção de Teoria e Prática da Tradução. Publicou mais de quarenta livros de poesia, prosa e tradução. Traduz, entre outras, do polonês, do lituano, do inglês e do idiche. Prémio Nacional de Poesia Efraín Huerta (1991) e Prémio de Tradução da União de Escritores Lituanos (2000). Membro de honra da Sociedade de Escritores Polacos.

**ANDRÉ DE LA CRUZ** – Diretor, ator e autor teatral brasileiro, nascido no Rio de Janeiro. Mora desde 2001 em Varsóvia, Polónia. Um dos fundadores da Cia. Teatro em Aberto do Rio de Janeiro e do Teatro Epifania em Varsóvia. Seus espetáculos receberam 15 prêmios e mais de 25 indicações no Brasil e Polónia.

**DRAX** – Uma empresa dedicada principalmente à pós-produção de som. Seu amplo portfólio de serviços abrange desde a gravação vocal até as mais exigentes, completas e ambiciosas produções audiovisuais em todos seus campos (TV, cinema, publicidade, música, videogames, vídeos corporativos, audiobooks, etc.). Atua no mundo todo, em qualquer idioma, de forma rápida e eficiente, sempre dando destaque à qualidade.

DRAX, em colaboração com BABEL STUDIO, já realizou, além do presente, outros projetos de qualidade reconhecida, como os audiobooks em espanhol, com obras de Czesław Miłosz – poeta e escritor polonês, Prémio Nobel de Literatura, e com o conto “Rei Mateusinho Primeiro” escrito por Janusz Korczak – médico, psicólogo e escritor polonês. Recentemente a empresa preparou, também, um audiobook com a poesia de Wisława Szymborska, Prémio Nobel de Literatura.

[www.draxaudio.com](http://www.draxaudio.com)

**BABEL STUDIO** – Uma empresa polonesa que se dedica a promoção da cultura polonesa no exterior, principalmente nos países de língua espanhola e portuguesa.

Nos últimos anos a empresa organizou e produziu os seguintes eventos:

2011 – Czesław Miłosz na Espanha e América Latina ([www.milosz.co](http://www.milosz.co)) e Czesław Miłosz em Madrid ([www.milosz2011.com](http://www.milosz2011.com)) – série de eventos comemorativos do centenário de nascimento do Prémio Nobel de Literatura, poeta e intelectual polonês, Czesław Miłosz.

2011 – Lem em Madrid ([www.lem2011.com](http://www.lem2011.com)) – série de eventos dedicados à obra do escritor polonês de ficção científica, Stanisław Lem.

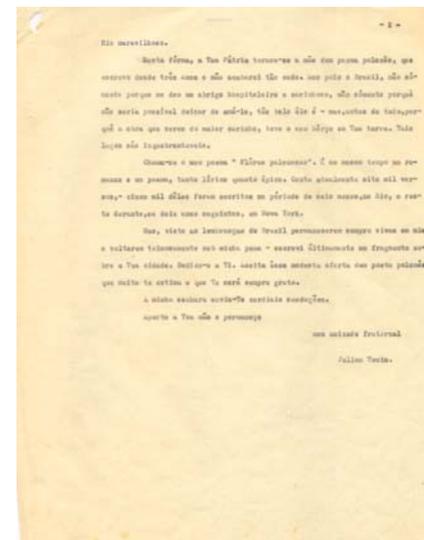
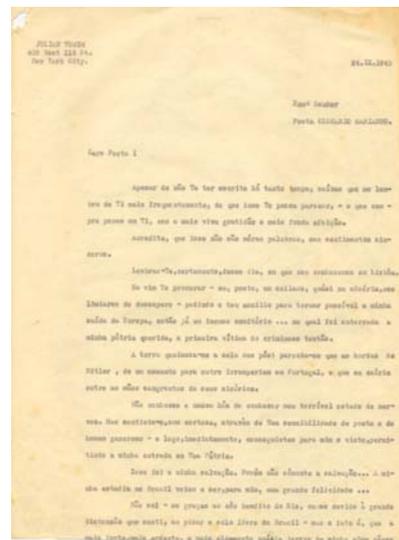
2012 – Janusz Korczak na Espanha e América Latina – série de eventos dedicados ao médico, pedagogo, escritor e jornalista polono-judeu, Janusz Korczak, assassinado no campo de extermínio nazista de Treblinka.

2013 – Wisława Szymborska na Espanha e América Latina – apresentação da obra da poetisa polonesa, Wisława Szymborska, Prémio Nobel de Literatura.

BABEL STUDIO encarrega-se da produção e elaboração de audiobooks. Entre suas muitas realizações, cabe citar: a poesia de Czesław Miłosz, interpretada por José Luis Gómez e Aitana Sánchez-Gijón, as aventuras do Rei Mateusinho Primeiro, interpretadas por Alicia Cereceda, assim como a poesia de Wisława Szymborska, interpretada por Julia Gutiérrez Caba. Além disso, a empresa edita livros e produz cursos de idiomas.

Editamos livros. Produzimos también cursos de idiomas.

[www.babelstudio.eu](http://www.babelstudio.eu)



IDEALIZAÇÃO: Agnieszka Drewno

PRODUÇÃO: BABEL STUDIO,  
Embaixada da República da Polónia em Brasília.

APOIO: Consulado Geral da República da Polónia em Curitiba,  
Consulado Geral da República da Polónia em São Paulo,  
Arquivo de Registros Novos, Museu de Literatura em Varsóvia,  
Catedra Cyprian Norwid (Instituto de Letras, Universidade  
de Brasília), Curso de Letras Polonês (Departamento de Letras  
Estrangeiras Modernas, Universidade Federal do Paraná)

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: Agnieszka Drewno

TRADUÇÃO DOS POEMAS: Marcelo Paiva de Souza,  
Henryk Siewierski, Carlos Drummond de Andrade,  
Geir Campos, Aleksandar Jovanović, José Carlos Costa Dias,  
Gerardo Beltrán, André de la Cruz.

TRADUÇÃO DOS TEXTOS: André de la Cruz

TRADUÇÃO DO ARTIGO DE PROF. WOJCIECH LIGĘZA: Marcelo de Paiva Souza

REVISÃO: Henryk Siewierski, Embaixada da República da Polónia em Brasília

PROJETO GRÁFICO: Ryszard Kajzer, ZERKAJ STUDIO

#### AUDIOBOOK

INTERPRETAÇÃO: Tatiane Trovati

DIREÇÃO ARTÍSTICA E DIREÇÃO DA PRODUÇÃO: Agnieszka Drewno

DIREÇÃO DE SOM: Alonso Cano

ASSISTENTE DE DIREÇÃO DE SOM: Tomasz Cieślak

GRAVAÇÃO, EDIÇÃO E MIXAGEM DE SOM: Alonso Cano

ESTÚDIO: DRAX

AGRADECIMENTOS: Sra. Ewa Tuwim-Woźniak, Sr. Kamil Knopkiewicz – Fundação Julian e Irena Tuwim,  
Dr. Tadeusz Krawczak – diretor do Arquivo de Registros Novos em Varsóvia, Dr. Krzysztof Smolana – historiador,  
Dr. Jarosław Klejnocki – diretor do Museu de Literatura em Varsóvia, Sra. Grażyna Grochowiakowa,  
Sr. Andrzej Fiett – Museu de Literatura em Varsóvia, Sr. Tomasz Łychowski, Sra. Lucia Riff (Agência Riff).

Versões originais dos poemas e dos textos: "Julian Tuwim – biografia", "Julian Tuwim sobre si mesmo",  
"Irena Tuwim sobre o irmão" © Fundação Julian e Irena Tuwim, www.tuwim.org

Esta edição © BABEL STUDIO, 2013.

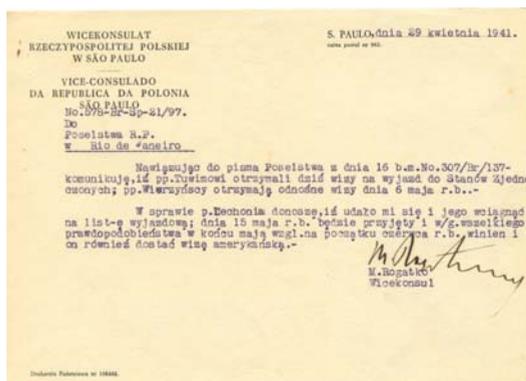
Os documentos textuais dos anos 1940-1943 fazem parte do acervo do Arquivo de Registros Novos em Varsóvia.  
Agradecemos a sua disponibilização.

As fotografias e as cópias dos documentos apresentados nesta publicação foram extraídas do acervo do Arquivo de Registros  
Novos em Varsóvia e do Museu de Literatura em Varsóvia.

Esta publicação e o audiobook fazem parte do evento JULIAN TUWIM EM PORTUGAL E NO BRASIL co-financiado pelo  
Ministério da Cultura e Patrimônio Nacional da República da Polónia.

Exemplar gratuito. Venda proibida.

Distribuição fora do Brasil e de Portugal está expressamente proibida.



Original do OFÍCIO do Vice-Cônsul da República da Polónia em São Paulo, Senhor M. Rogatko, à Legação da República da Polónia no Brasil, sobre a concessão de vistos de entrada para os EUA a Julian e Irena Tuwim

babel  
STUDIO



Embaixada  
da República da Polónia  
em Brasília

Ministry of  
Culture  
and National  
Heritage of  
the Republic  
of Poland.



Consulado Geral  
da República da Polónia  
em Curitiba



Consulado Geral  
da República da Polónia  
em São Paulo



DRAX



# TU WIM



## **TATIANE TROVATTI**

é atriz desde sua adolescência, com experiência em teatro, cinema, vídeo, televisão e rádio. Trabalhou em várias cidades do Brasil, dos Estados Unidos e da Espanha, onde se especializou em expressão corporal, dança, teatro e também em yoga para gestantes, crianças e famílias.